



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
CURSO DE GEOGRAFIA LICENCIATURA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

*Ingrid Costa - 66539*

*Reestruturação da Europa pós-segunda guerra (1945 a 1968): um estudo sobre as causas e consequências geopolíticas e econômicas do sistema mundial*

**Rio Grande, 2017**

**Ingrid Gonçalves da Costa**

*“O século XX foi, por excelência, um “século de Luzes”, num aprofundamento radical de vários preceitos do Iluminismo. Uma miríade de acontecimentos e de descobertas em todas as áreas do conhecimento que representou, para muitos, a perspectiva otimista de um novo Renascimento. Esse mesmo período levou-nos, porém, a níveis de destruição nunca antes imaginados, com duas guerras mundiais e um grande número de conflitos localizados, que cobraram a vida de milhões” (MAGNOLI, Demétrio (org), 2012, p. 387)*

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal do Rio Grande - FURG, como requisito básico para a conclusão do Curso de Geografia Licenciatura Orientador: Professor César Martins**

**Rio Grande, 2017**

Ingrid Gonçalves da Costa

***Reestruturação da Europa pós-segunda guerra (1945 a 1968): um estudo sobre as causas e consequências geopolíticas e econômicas do sistema mundial***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal do Rio Grande - FURG, como requisito básico para a conclusão do Curso de Geografia Licenciatura

Rio Grande, 23 de novembro de 2017.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. César Augusto Avila Martins – Universidade Federal do Rio Grande - FURG**

---

**Prof. Msc. Ricardo Borges da Cunha - rede estadual de ensino, doutorando em Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS**

---

**Prof. Msc. Elisângela De Felipe Rodrigues da Silveira – Universidade Federal do Rio Grande - FURG**

## **Dedicatórias e agradecimentos**

Primeiramente, dedico esse trabalho à minha família: meus pais Maria de Lourdes e Jorge Sidney, e a minha irmã Úrsula, que sempre deram todo o suporte para que eu pudesse conduzir meus estudos e incentivando meus sonhos e ideias. Sem eles, jamais poderia ter alcançado o objetivo da graduação. Ofereço também ao meu namorado Wagner, por ter sempre me acompanhado e me dado todo apoio na conclusão dessa etapa tão importante da minha vida.

Agradeço imensamente ao meu Professor Orientador César Martins, por tudo que fez durante a escrita do meu Trabalho, sempre preocupado para que tudo fosse feito de forma impecável. Não poderia ter escolhido melhor mentor, não somente pelo tema mas também por saber da sua imensa competência em orientar seus discentes.

Sou grata também a todos os demais professores os quais passaram durante o curso, pois cada um deles, sem dúvida nenhuma, acrescentou-me inegáveis novos conhecimentos e pontos de vista, tão importantes não somente para o aprendizado, mas para ajudar na compreensão do mundo em que vivemos.

Não posso esquecer também dos meus colegas que, durante toda essa jornada, caminhamos juntos rumo à graduação, e agora estamos lado a lado alcançando o objetivo que tanto lutamos para conseguir.

E por último, não posso esquecer dos demais funcionários da instituição, entre técnicos, trabalhadores da limpeza e do Restaurante Universitário, estagiários, seguranças e todos aqueles que fazem parte da FURG, e que sem eles, não teríamos uma Universidade Pública que tão bem nos acolhe.

## Sumário

<b>Dedicatórias e agradecimentos.....</b>	<b>4</b>
<b>Índice de ilustrações.....</b>	<b>6</b>
<b>Lista de Quadros .....</b>	<b>7</b>
<b>1. Introdução .....</b>	<b>8</b>
<b>2. As Conferências de Teerã, Yalta e Potsdam.....</b>	<b>17</b>
2. 1. Conferência de Teerã, novembro de 1943 .....	18
2. 2. Conferência de Yalta, fevereiro de 1945.....	21
2. 3. Conferência de Potsdam, julho e agosto de 1945.....	27
<b>3. A Conferência de Bretton Woods, o Plano Marshall e a Crise dos Mísseis.....</b>	<b>32</b>
3. 1. Conferência de Bretton Woods, 1944.....	33
3. 2. O Plano Marshall, 1947.....	36
3. 3. A Crise dos Mísseis, 1961.....	41
<b>4. Do outro lado do muro: a URSS.....</b>	<b>44</b>
<b>5. As duas décadas que criaram nosso mundo de hoje.....</b>	<b>51</b>
<b>5. 1. América do Norte e Europa: A chamada Era Dourada do capitalismo.....</b>	<b>52</b>
<b>5. 2. Um mundo novo? De 1943 até 1968.....</b>	<b>59</b>
<b>6. Conclusão.....</b>	<b>64</b>
<b>7. Referências .....</b>	<b>67</b>

## Índice de ilustrações

Ilustração 1: Mapa da situação da Segunda Guerra na Europa em 1945.....	11
Ilustração 2: A tomada de Berlim pelos soviéticos.....	12
Ilustração 3: Divisão territorial da Alemanha pós-guerra.....	13
Ilustração 4: Os Três Grandes no Irã, em 1943.....	18
Ilustração 5: Linha Curzon e os territórios anexados pela Polônia em 1945.....	20
Ilustração 6: Roosevelt, Churchill e Stalin na Conferência de Yalta.....	22
Ilustração 7: Churchill, Truman e Stalin reunidos pela última vez, em 1945.....	27
Ilustração 8: As antigas e novas fronteiras européias, e as zonas de influência em 1945.....	30
Ilustração 9: Conferência de Bretton Woods: 44 nações reunidas.....	34
Ilustração 10: Presidente Harry S. Truman e o Secretário de Estado George C. Marshall, em 1947	37
Ilustração 11: As fronteiras do Socialismo em 1945.....	54

## Lista de Quadros

Quadro 1: Total de recursos destinados aos países auxiliados pelo Plano Marshall, em milhões de dólares.....	37
Quadro 2: Variação do PNB per capita dos EUA e dos países assistidos pelo Plano Marshall, 1947 e 1951.....	38
Quadro 3: Número de automóveis em circulação nos principais países capitalistas, em milhões.....	56
Quadro 4: Difusão dos bens duráveis nas famílias de operários e de empregados na França, em porcentagem, das famílias que possuem os bens.....	57
Quadro 5: Número de Operários estimado na Europa Ocidental, em milhões de pessoas.....	57

## 1. Introdução

O século XX foi, na história da humanidade, o que mais ocorreu mudanças significativas em todos os parâmetros da sociedade. As guerras e seus desdobramentos trariam não somente destruição e morte aos países que assolou, mas também, a abertura de incontáveis possibilidades ao mundo moderno. Parte da evolução tecnológica e o acesso civil às inovações que foram desenvolvidas por militares, a explosão de produtividade, a expansão econômica dos Estados Nação, o reposicionamento da mulher na sociedade e no trabalho, e em especial acompanhados de mudanças ideológicas e comportamentais são alguns dos efeitos dos pós-guerras. Desde o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a vida no globo já não foi mais a mesma.

Mas foi a Segunda Grande Guerra (1939-1945) que acelerou as mudanças mundiais em todas as escalas. Com o desenvolvimento de tecnologias bélicas, científicas, das engenharias, na alimentação, e em outras tantas áreas de interesse – combinando objetivos primeiramente militares, com a afirmação do capitalismo em sua disputa com o socialismo de matriz soviética – a forma de governar os países que formaram um centro do sistema mundial e as outras nações dominadas e ocupadas tomou formas inimagináveis. Os Estados Unidos da América (EUA) passaram de expectadores do cenário europeu a protagonistas da situação econômica global. Com a sua influência inflada pela situação pós-guerra, onde eram o único país dos Aliados que possuía uma planta industrial gigantesca, com alta capacidade e intacta pelo fato do seu território não ter sido alvo de bombardeios e invasões, um lastro em ouro que representava quase 3/4 das reservas mundiais e a evolução do dólar como moeda padrão internacional, foi o genitor de toda uma geração de prosperidade econômica e desenvolvimento internacional. Foram os EUA que plantaram a semente do crescimento extraordinário que passaria a Europa pós-guerra. Foram cerca de 20 anos de uma explosão incalculável de possibilidades de consumo, trabalho e crescimento.

Mas como se formou esse cenário próspero? A partir do final do século XIX, com a ascensão e confronto entre EUA e a Alemanha em um cenário de ocaso das potências coloniais e imperiais européias, as consequências da 1ª Guerra Mundial começaram a moldar o futuro. Da Revolução Russa e dos sinais do imperialismo japonês, a iminência do fim da guerra em 1943, com a expectativa da capitulação da Alemanha pelos soviéticos e aliados, os “Três Grandes” líderes mundiais (Josef Stalin, Winston Churchill e Franklin Roosevelt) decidiam o futuro do planeta. Com a Europa ainda ardendo em chamas, bombardeios e destruição, era discutido o futuro das cinzas de um continente inteiro. Qual destino teria a Alemanha, um dos grandes responsáveis por toda essa desordem? E as nações diretamente destruídas por ela, como a Polônia, que fora tomada e saqueada por diversas vezes durante o conflito? Quem pagaria por todos os prejuízos causados?

Mas pode-se ir além. Era planejado como seria dividido o globo inteiro. Como seriam as



divisões territoriais entre duas ideologias completamente opostas? Os EUA e Grã Bretanha com seu regime capitalista, baseado no livre mercado, *versus* a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) com seu governo comunista, encabeçado por um ditador altamente articulador e ambicioso, poderiam administrar um novo mundo que estava a se reconstruir?

Então, o que realmente houve entre o que foi assinado pelos três grandes entre 1943-45 e a realidade da Europa-EUA até o fim da década de 1960, quando o sistema que por 20 anos prosperara entra em colapso? No trabalho esboçaremos uma linha espaço-tempo sobre as conferências de Teerã (1943), Yalta (1945) e Potsdam (1945) e seus acordos, não somente entre os líderes mundiais que a presidiram, mas também das negociações que ocorreram nos bastidores, entre os responsáveis pelas Relações Exteriores.

Assim, tentaremos elucidar a causa-efeito de cerca de 20 anos de um *boom* econômico, que ocorreu entre 1945 a 1968 aproximadamente, através não somente das três conferências entre as potências, mas também, outras importantes reuniões que iriam pautar todo o desenrolar do viés sócio-econômico-político das nações. No Ocidente, com Bretton Woods, encontro onde o dinheiro ganharia um novo significado para a economia mundial; e o Plano Marshall, que seria o grande financiador dos então falidos e destruídos países pós-guerra. Falaremos também sobre a Guerra dos Mísseis, relevante momento para a estabilidade mundial.

Nessas duas décadas, fomentadas não somente pela “Era de Ouro”, mas também por uma disputa bilateral entre EUA e URSS na Guerra Fria, analisaremos alguns dos principais fatos históricos sobre o mundo que se abria diante dele mesmo, em uma globalização nunca antes vista pela humanidade, para tentar fundamentar toda a evolução social, econômica e militar que nos mantém até hoje.

A metodologia de pesquisa se baseará na busca por autores e interpretações nas áreas de Geopolítica e Geografia Política, História Econômica, História da Civilização Mundial Moderna, História do Capitalismo. A partir de uma análise dos diferentes pontos de vista constantes na bibliografia, será feito o apanhado de todos os temas pertinentes ao trabalho, a fim de que haja uma linha tempo-espaço na narração e análise dos acontecimentos.

Dessa forma, o trabalho é dividido em cinco partes: a primeira trata das três conferências presididas pelas três grandes potências mundiais na década de 1940, que ocorreram em Teerã (1943), Yalta (1945) e Potsdam (1945), onde seriam definidos acertos “que durariam 44 anos, até 1989 com a queda do Muro de Berlim” (WAACK, 2012, pág 269). Em seguida, na segunda parte, analisaremos a conferência de Bretton Woods, que foi a responsável por “definir o que se convencionou denominar como Sistema de Bretton Woods de gerenciamento econômico internacional, estabeleceu em julho de 1944 as regras para as relações comerciais e financeiras entre

os países mais industrializados do mundo. Esse sistema foi o primeiro exemplo na história mundial de uma ordem monetária totalmente negociada entre Estados Nacionais” (SCHWARTZ, 2012, pág 241). Para esses dois subcapítulos, o livro organizado por Demetrio Magnoli em “A História da Paz” (2012) é esclarecedora ao contar os fatos históricos. Nesse mesmo capítulo, abordaremos o Plano Marshall, explicando sua natureza, seus desdobramentos e contrapontos segundo a ótica de Giovanni Arrighi em “O longo Século XX” (1996), voltado para a base econômica, A. Leontiev com seu artigo “O Plano Marshall à Luz dos Fatos” (1949) com uma visão socialista-marxista, e Alice Helga e Flávio Combat em “História “viva” e história “objetivada”: George F. Kennan e o Plano Marshall” (2007) com a dualidade da questão americana com os soviéticos durante a vigência do Plano. Então, abordaremos a Crise dos Mísseis, um momento extremamente delicado da história mundial, sob a narração dos fatos de Charles Sidarta Machado Domingos com o seu artigo “50 anos da Crise dos Mísseis: horror nuclear em tempos presentes”, que narra os fatos de forma muito clara e objetiva.

No capítulo adiante, falaremos sobre a situação da URSS paralela à época. Novamente usaremos o bibliografia “A Era dos Extremos, o Breve Século XX” de Eric Hobsbawm, especialista em história da civilização, conjuntamente com a obra “O Século XX - O tempo das Dúvidas” de Daniel Reis Filho Et al, que serve de complemento à narração e à formulação das ideias.

Para o capítulo seguinte, “América do Norte e Europa: A chamada Era Dourada do capitalismo”, a literatura base escolhida foi Op. Cit. de Hobsbawm, e Michel Beaud com “História do Capitalismo”, onde apresenta todo o desenrolar do viés econômico da capitalismo. A tentativa do presente trabalho nessa parte foi de estabelecer os contrapontos e concordâncias entre as versões dos autores, buscando juntar as ideias de ambos e concatenar uma lógica baseada em suas visões.

Por fim, no capítulo “Um mundo novo: de 1945 até 1968” chegamos finalmente ao objetivo do presente trabalho: as mudanças econômicas e sociais que ocorreram graças a todos esses eventos narrados anteriormente, e que estão presentes no cotidiano da maioria das pessoas até hoje. Para falarmos sobre essas questões, novamente usamos a obra de Hobsbawm como base teórica para a compreensão dos acontecimentos do século passado. Também usamos a coleção de Daniel Reis Filho Et al, “O Século XX – O tempo das Crises”, que novamente complementa as ideias de Hobsbawm. Assim, esperamos narrar de forma mais clara e objetiva esse período da humanidade que foi e é tão importante para todos nós.

No final do ano de 1944, após cinco anos de guerra, a Alemanha estava praticamente derrotada. Com o avanço das tropas soviéticas sobre as alemãs, a perda de territórios conquistados, e de derrotas como a ocorrida em Leningrado, eram sinais claros do colapso do sistema nazista. Porém, sob a pressão dos Aliados (URSS, EUA, Grã-Bretanha, China, Polônia, Reino Unido, França, Austrália, Brasil, Nova Zelândia, Nepal, África do Sul, Canadá, Noruega e outras nações)

para a rendição incondicional, os germânicos recusavam-se a aceitar a derrota. Adolf Hitler (1889-1945) via-se cercado de um lado pelos soviéticos e do outro pelos aliados, conforme mostra a Ilustração 1. Apesar das expectativas sobre as bombas transcontinentais V2<sup>1</sup>, que teoricamente acabariam com os inimigos, a realidade estava se tornando clara: a Alemanha perderia a guerra.



Ilustração 1: Mapa da situação da Segunda Guerra na Europa em 1945

Fonte: <https://www.thinkinglink.com/scene/613541577364602880> [Acesso em 12/10/2017]

Nesse clima paradoxal de certezas e incertezas, acontece a Conferência de Yalta, em 1943. Enquanto isso, as tropas alemãs eram cada vez mais espremidas em direção à Berlim, mantendo uma resistência empedernida. Sob delírios, um Hitler já derrotado e com sequelas mentais, fazia planos fantásticos com seu grande exército, que já tinha sofrido pesadas baixas e era cada vez menor e mais fraco. Ele não concebia que estava perdido, criando fantasias sobre conseguir paz com os aliados depois da morte de Franklin Roosevelt (1882 - 1945), e que os exércitos soviéticos estavam esgotados e cansados no seu rumo à Berlim. Porém, em 16 de abril de 1945, o Exército Vermelho<sup>2</sup> abriu fogo sobre a capital alemã, no dia 20 do mesmo mês os Aliados com um novo

1 O V-2 (em alemão: Vergeltungswaffe 2, "Retribution Weapon 2"), foi o primeiro míssil balístico guiado a longo alcance. O míssil com um motor de foguete foi desenvolvido durante a Segunda Guerra Mundial na Alemanha por Wernher von Braun como uma "arma de vingança", projetada para atacar as cidades aliadas como retaliação dos atentados aliados contra cidades alemãs. O foguete V-2 também se tornou o primeiro objeto artificial a atravessar o limite do espaço em 20 de junho de 1944. A partir de setembro de 1944, mais de 3.000 V-2 foram lançados pela Wehrmacht alemã contra Aliados durante a guerra, primeiro Londres e mais tarde Antuérpia e Liège. À medida que a Alemanha entrou em colapso, equipes das forças aliadas - Estados Unidos da América, Reino Unido e União Soviética - correram para capturar os principais locais de fabricação na Alemanha de mísseis guiados, foguetes e aeronaves a jato. Fonte: [http://dbpedia.org/page/V-2\\_rocket](http://dbpedia.org/page/V-2_rocket) [acesso em 12/10/2017]

2 O **Exército Vermelho Soviético** foi a denominação que oficialmente deu León Trotsky das forças armadas

ataque colocaram mais uma pá de terra no regime alemão (Ilustração 2).



Ilustração 2: A tomada de Berlim pelos soviéticos

Fonte: <http://photo-muse.blogspot.com.br/2008/05/iconic-red-army-reichstag-photo-faked.html> [Acesso em 12/10/2017]

Em 30 de abril, Hitler se suicida, pondo um fim ao regime nazista e ao sonho do Führer<sup>3</sup> de supremacia racial ariana no mundo.

Porém no Pacífico, a situação da guerra ainda era indefinida. Os Aliados e Japão travavam batalhas sangüinárias, com dezenas de navios de guerra nipônicos afundados pelos cruzadores americanos. Aviões bombardeiros calcinavam o arquipélago oriental. A tecnologia era o principal recurso para os ataques. Assim, durante a Conferência de Potsdam, foi anunciada pelos EUA a mais mortal e destruidora de todas as armas: a bomba atômica.

---

organizadas pelos bolcheviques durante a Guerra Civil Russa, ocorrida em 27 de fevereiro de 1918. Esta organização se converteu no exército da República Socialista Federativa Soviética da Rússia após a Revolução de Outubro e da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, formando o maior exército do mundo até a dissolução da União em dezembro de 1991. O nome, abreviado geralmente para Exército vermelho, faz referência ao uso da Bandeira vermelha pela classe operária em sua luta contra o capitalismo. Fonte: <https://seuhistory.com/hoje-na-historia/nasce-o-exercito-vermelho-sovietico> [acesso em 04/11/2017]

3 Em alemão, *Führer* significa “guia”, “líder”, “chefe”. Deriva do verbo *führen*, “conduzir”. Embora a palavra permaneça de uso comum em alemão, está tradicionalmente associada a Adolf Hitler, que a usou para se autodesignar líder da Alemanha Nazista. Fonte: <https://www.sul21.com.br/jornal/ha-80-anos-o-mundo-via-hitler-tornar-se-o-fuehrer/> [acesso em 12/10/2017]



Então, em 14 de agosto de 1945, o Japão se rendia incondicionalmente, após Hiroshima ser destruída pela *Little Boy*, e Nagasaki pela *Fat Man*, codenomes dados às bombas de urânio e plutônio lançadas pelos EUA. Era o fim definitivo da Segunda Guerra Mundial.

Em uma Europa arruinada, os três líderes mundiais encontravam-se em Potsdam em 1945. Uma das principais pautas seria o que fazer com a Alemanha, totalmente destruída e acabada. Inicialmente, foi proposta a ideia de transformá-la em um país pastoril e sem indústrias. Porém Harry S. Truman (1884 - 1972), substituto do então falecido Roosevelt, tinha a ideia de que o mais certo era fazer justamente o contrário: a industrialização da Alemanha era importante para o mundo ocidental e a manutenção da economia capitalista. Já Joseph Stalin (1878 - 1953) pensava exatamente o contrário: queria que os alemães primeiramente deveriam custear as perdas pela guerra, para então depois ser reerguida sua nação. Então, o território alemão ocidental é dividido em três partes, capitaneados cada um pelos EUA, França e Grã Bretanha, enquanto o lado oriental fica sob o júdice da URSS (Ilustração 3).



Ilustração 3: Divisão territorial da Alemanha pós-guerra

Fonte: <http://www.theworldorbust.com/wp-content/uploads/2012/07/Map-of-East-and-West-Germany-with-a-separate-map-for-Berlin.jpg> [acesso em 12/10/2017]

Outros territórios também causavam conflito de interesses entre Aliados e soviéticos: as questões sobre o rio Danúbio, o qual era pleiteada a sua internacionalização, afetando assim a área de influência da URSS. Mas talvez o mais latejante tema fosse a Polônia. A sua nova configuração territorial a dividiu em duas partes, uma ficando com o controle ocidental, e outra sob o júdice dos soviéticos. E nesse clima de “divisão de bens”, acaba a Grande Aliança entre aliados e a URSS.

Em 1946, surgiu a desconfiança do vazamento de informações sobre a criação da bomba

atômica pelos soviéticos. A confirmação se dá em 1949, quando a URSS faz o teste de uma bomba nuclear no Cazaquistão. Assim, os orientais e ocidentais foram se distanciando tanto ideologicamente quanto pelas suas ambições. Enquanto os soviéticos queriam conquistar cada vez mais territórios e expandir a ideologia e objetivos socialistas pelo mundo, os EUA se preocupavam em contê-los e em manter o liberalismo econômico internacional no lado ocidental do globo.

Porém, era necessário acabar com os antagonismos de forma pacífica. Então, foram planejados e criados organismos internacionais para regulamentar o mundo de paz que estava emergindo, após a hecatombe que dizimou dezenas de milhões de seres humanos no últimos anos<sup>4</sup>. As palavras de Braitwait (2009) descrevem esse trágico cenário: “Com cálculos difíceis, pode-se considerar que para cada britânico ou americano que morreu, os japoneses perderam sete pessoas, os alemães vinte, e os soviéticos, oitenta e cinco. Quatro quintos dos combates da Segunda Guerra Mundial aconteceram no front leste”.

Assim nasceu a ONU (Organização das Nações Unidas), em 1945. Com a assinatura de 50 nações, uma carta de 11 artigos foi estabelecida. Também foi composto um órgão máximo do Conselho de Segurança da ONU, composto por cinco membros permanentes: EUA, URSS, Grã Bretanha, França e China. Além desses, mais 10 nações ocupariam cadeiras rotativas de dois anos eleitos por assembléia geral. Os EUA são os que concentram maior poder dentro dessa cúpula, devido à majoritária no Conselho e ao poder de veto.

No cenário de reconstrução global, a Europa deixa de ser hegemônica, enquanto os EUA tornam-se rivais políticos e militares da URSS. A animosidade binária confirmou-se em 1947, quando a Grã Bretanha já não mais tinha forças para combater os avanços comunistas na Grécia. Em um apelo velado aos americanos, os britânicos queriam manter o Mediterrâneo sob influência ocidental. Então, em março do mesmo ano, no Congresso americano, Truman declara: “A política do EUA deverá ser de apoio total aos povos livres que lutam e resistem às tentativas de submissão de povos, pela força das armas ou não...”<sup>5</sup>. E assim, emergia a Guerra Fria<sup>6</sup>.

Em meio a essa complexa situação global, geógrafos renomados estudaram não somente as nações que pertenciam a esse círculo, mas também, as que ficaram de fora da guerra, porém, eram

4 O total aproximado de mortos na guerra em algumas nações (em alguns casos, os números são calculados a partir de fontes múltiplas devido a discrepâncias): União Soviética: 25.000.000; China: 15.000.000; Alemanha: 8,000,000; Polônia: 5.720.000 ; Japão: 2.870.000; Iugoslávia: 1.363.500; França: 550.000; Itália: 454.600; Grã Bretanha: 450.900; Estados Unidos: 418.500; Coreia: 430.500; Grécia: 563.500.

Fonte:<https://www.secondworldwarhistory.com/world-war-2-statistics.asp> [acesso em 12/10/2017]

5 Fonte: MAGNOLI, DEMETRIO (org): **História das Guerras**, São Paulo, Contexto, 2006. Pág 388

6 **Guerra Fria**, nome dado à rivalidade aberta, porém velada, que se desenvolveu após Segunda Guerra Mundial entre os Estados Unidos e os União Soviética e seus respectivos aliados. A Guerra Fria foi travada em frentes políticas, econômicas e de propaganda. O termo foi usado pela primeira vez pelo escritor inglês George Orwell em um artigo publicado em 1945 para se referir ao que ele previu seria um estancamento nuclear entre "dois ou três super-estados monstruosos, onde cada um possuía uma arma pela qual milhões de pessoas podem ser exterminadas em alguns segundos". foi usado pela primeira vez nos Estados Unidos pelo financista americano e assessor presidencial Bernard Baruch em um discurso na Casa do Estado em Columbia, Carolina do Sul , em 1947. Fonte: <https://www.britannica.com/event/Cold-War> [acesso em 12/10/2017]

direta ou indiretamente atingidas pelos desdobramentos sócio-econômicos da época. Essas teorias servem de base para a maioria dos livros didáticos de Geografia, Geografia Econômica e História brasileiros. Por exemplo, Yves Lacoste<sup>7</sup>, que faz uma leitura muito mais ampla do conceito de “Terceiro Mundo”<sup>8</sup> que foi forjado na época. Se para a maioria dos europeus e americanos esse bloco apenas significava o conjunto das nações que não faziam parte do Primeiro Mundo capitalista, nem do Segundo Mundo socialista, para ele era uma divisão bem mais complexa, como podemos ver em Lacoste (1975):

“A noção do Terceiro Mundo é, pois, particularmente satisfatória e rica de sentido, apesar de não levar e conta a "explosão demográfica". Exprime de uma forma completa e bastante sugestiva várias noções diferentes combinadas entre si. Pode pois perfeitamente ser utilizada para designar o conjunto dos países subdesenvolvidos.

Cronologicamente, tomou-se consciência da existência concreta dos países subdesenvolvidos e da massa que constituíam no seio da população mundial, antes que fosse formulado o conceito de subdesenvolvimento enquanto fenômeno geral existente com uma relativa homogeneidade de caracteres numa grande parte do globo. Este desnível é perfeitamente normal. O que foi menos normal foi o processo que levou à formação do conceito de subdesenvolvimento. Com efeito, depois de quinze anos de publicações e pesquisas, a noção de subdesenvolvimento não está ainda rigorosamente definida. Os economistas que foram os primeiros e os mais numerosos a estudar estes problemas, não chegaram ainda a um acordo sobre uma definição comum e satisfatória do subdesenvolvimento. R. Gendarme não chegou a recensar 21 definições ou acepções diferentes? Muitas delas são bastante subjetivas e arbitrarias. Inúmeras só podem ser aplicadas a um a parte dos países subdesenvolvidos. Outras englobam países incontestavelmente desenvolvidos. Nenhuma é verdadeiramente satisfatória. Estas concepções bastante diferentes do subdesenvolvimento serão analisadas ulteriormente. Fato bastante curioso é que os economistas e os sociólogos não parecem se incomodar com uma tal confusão e é muito raro abordarem de frente este problema delicado.” (pág 21)

O geógrafo Pierre George<sup>9</sup> também tratou de assuntos relevantes sobre a geopolítica e

---

7 O francês **Yves Lacoste** foi um dos responsáveis por uma transição epistemológica na Geografia, sobretudo nos anos 1970, culminando na *Geografia Nova ou Crítica*. Tal transição se baseou numa reaproximação à sociologia e a história (em menor grau também à filosofia), especialmente às ideias e aos questionamentos de caráter marxista desenvolvidos por essas disciplinas ao longo do século XX. Consistindo, essa geografia renovada, como um verdadeiro esforço em reinterpretar a realidade espacial do mundo pela ótica dos conflitos sociais e econômicos nas suas mais variegadas formas e escalas. Fonte: <http://parquedaciencia.blogspot.com.br/2015/11/desmistificando-o-saber-geografico-com.html> [acesso em 17/10/2017]

8 A origem do nome está na ideia do demógrafo francês Alfred Sauvy, que propunha a ideia de um Terceiro Mundo, inspirado na ideia do *Terceiro Estado*, usada na Revolução Francesa. Os países membros do chamado Terceiro Mundo deveriam se unir e revolucionar a Terra, como fizeram os burgueses e revolucionários na França. Os chamados Primeiro e Segundo Mundo surgiram de uma interpretação errônea por parte da mídia, que não entendeu uma mensagem de Sauvy. Como consequência, hoje, muitos atribuem o nome a chamada "Velha Ordem Mundial", uma divisão geopolítica de poderes e blocos de influência durante o período da Guerra Fria (1945 - 1989). O "Primeiro Mundo" seria o dos países capitalistas desenvolvidos, o "Segundo Mundo" seria o dos países socialistas industrializados. Restariam no "Terceiro Mundo" os países capitalistas economicamente subdesenvolvidos e geopoliticamente não-alinhados. O termo foi oficialmente adotado durante uma reunião de países asiáticos e africanos que se emanciparam da colonização europeia, em abril de 1955, na Conferência de Bandung, na Indonésia. Fonte: <http://geofundamental.blogspot.com.br/2010/03/teoria-dos-mundos.html> [acesso em 17/10/2017]

9 **Pierre George** (1909-2006) foi um geógrafo francês que observou intensas transformações espaciais, políticas, econômicas e ambientais no decorrer do conturbado século XX. Seu interesse por praticar uma geografia diferente da que havia aprendido é perceptível; para tanto, seria preciso erigir novos princípios de teoria e de método. Em sua extensa produção composta por livros, artigos e resenhas, George apresenta um repertório marcado por abordagens gerais, regionais, urbanas e rurais, tematizando países desenvolvidos, subdesenvolvidos e também a URSS, além de estudos sobre populações e sobre meio ambiente. Tais temas estão amalgamados ao redor do

economia na Ásia, África e América Latina e Europa. Descolonização, o comércio do petróleo, urbanização, relações internacionais são alguns temas de grande relevância teorizados por ele, que formam a base educacional geográfica e histórica no país. Em George (1968) lemos:

“Não há dúvida de que o diálogo econômico é tao necessário aos países desenvolvidos quanto aos países subdesenvolvidos. Estes últimos esperam conseguir com êle os meios de superar o atraso crescente que os separa dos países industriais, os primeiros esperam ter possibilidades de equilibrar sua economia conservando e ampliando os prolongamentos de seus mercados internos. Os países subdesenvolvidos representam, para os países de economia industrial, complementos normais de sua economia, que absorvem seus excedentes de técnicos e de equipamentos e dispoem de reservas de produtos brutos. A cooperação repousa sôbre interêsses recíprocos. A forma desta cooperação é objeto de pesquisas destinadas a encontrar modalidades que escapem à pecha de neocolonialismo ou de resquícios do colonialismo. E nesta pesquisa, sofre-se a influencia da concorrência entre as economias capitalistas e as economias socialistas, que se interessam, em primeiro lugar, pelos países que têm um valor estratégico e cuja inserção numa ou noutra clientela tem tanto um significado político quanto econômico.” (pág 237)

Dessa forma, percebemos que a Segunda Guerra Mundial foi um divisor de águas na história da humanidade, onde causas e efeitos se mesclam em um redemoinho que rodopia o globo até hoje, e que seus desdobramentos fazem parte do nosso cotidiano.

---

conceito de espaço, já que, segundo ele, a Geografia é uma ciência humana e espacial. Fonte: RAMÃO, Felipe De Souza, Geografia de Pierre George e a questão ambiental: Considerações Iniciais. Revista Continentes (UFRRJ), ano 2, n.3, 2013. Pág 2



## 2. As Conferências de Teerã, Yalta e Potsdam

O três encontros foram capitaneados por representantes dos então “Três Grandes” da época: Josef Stalin, líder da URSS; Winston Churchill, representante da Grã Bretanha; Franklin Roosevelt, presidente dos EUA, que tendo falecido em abril de 1945 e participado somente de Yalta, foi substituído por Harry Truman, que participou em Potsdam. Em 28 de novembro de 1943, ocorreu na localidade de Teerã, no Irã, chamada de *Conferência de Teerã*; Entre 4 e 11 de fevereiro de 1945 no Palácio de Livadia, na estação balneária de Yalta, nas margens do Mar Negro, na Crimeia, a reunião foi chamada de *Conferência de Yalta*. Em Potsdam, Alemanha, entre 17 de julho e 2 de agosto de 1945, foi a *Conferência de Potsdam*.

Os três países eram considerados os vencedores da guerra, e portanto, os detentores do direito de decisão das nações derrotadas e menores. Os fatos ocorridos à época das conferências estão o suicídio de Hitler, a morte de Roosevelt, a derrota nas urnas de Churchill, tendo seu cargo ocupado ainda durante Potsdam por Clement Attlee, e os testes dos EUA com as bombas atômicas, indicam uma época instável e de grandes acontecimentos.

## 2. 1. Conferência de Teerã, novembro de 1943

Em 1941, Stalin planejava como seria a Europa depois da guerra. Durante a visita do Ministro de Relações Exteriores britânico Antony Eden, ele aproveitou a ocasião para assinar dois tratados com os britânicos: um que previa cooperação militar na guerra, e outro que indicava o reordenamento das fronteiras europeias depois da guerra.

Um ano depois, durante a visita de Churchill, antigo adversário e agora aliado para derrotar a Alemanha de Hitler, foi cogitada a ideia de criar uma liga pelos então vencedores, composta por EUA, Grã Bretanha e URSS. Seguiu-se então, as vitórias de Stalingrado na contra-ofensiva soviética sobre os alemães que haviam invadido seu território (janeiro de 1943) e Kursk (julho de 1943), que sinalizavam como a guerra acabaria.



Ilustração 4: Os Três Grandes no Irã, em 1943

Fonte: <https://minionu15anosnuoi1945.wordpress.com/2014/08/30/conferencia-de-teera-1943-parte-1/> [acesso em: 25/09/2017]

Em agosto de 1943, Stalin propôs a Churchill e Roosevelt a criação de uma comissão composta pelos três governos para tratar das questões pós-guerra. O plano inicial era que cada um pudesse ter algum tipo de influência na esfera alheia. Os soviéticos estavam profundamente interessados no arranjo tríplice, com esferas bem claras porém supervisionadas por uma instituição internacional. A questão alemã não havia ainda sido debatida, mas já indicava que era necessário

democratizar, desarmar, desmembrar, desmilitarizar e acabar com o nazismo. Haveria também a independência da Áustria. Em outubro do mesmo ano, os Ministros das Relações Exteriores dos três países encontraram-se em Moscou, com uma negociação planejada.

O primeiro encontro dos Três Grandes ocorreu no Teerã, em 1943. Nela, Stalin e Roosevelt estabeleceram relações pessoais, que de alguma forma, influenciou vários acontecimentos durante a guerra. Para o presidente americano, a cooperação da URSS era necessária para os eventos que viriam após a guerra acabar. Roosevelt e Churchill tinham visões distintas sobre a pessoa de Stalin: o britânico o via como um “demônio”, enquanto o americano acreditava que poderia socializar e torna-se amigo do ditador soviético.

Nesse primeiro encontro, a guerra ainda estava em curso. Stalin tinha pretensões de conseguir uma segunda frente na Europa, com a invasão do aliados à França. Assim, o front italo-alemão seria dividido, enfraquecendo seu poder de combate. Os americanos prometeram que fariam a invasão da Europa, o que aconteceria no início de 1944. Uma das propostas do soviético é que a Alemanha se reergueria em menos de 30 anos, por isso a necessidade de mantê-los estagnados por pelo menos duas décadas. Surgiu ainda da parte de Roosevelt uma ideia sobre as “Nações Unidas”, que seria um comitê com as três nações mais a China. Em relação à Polônia, o soviético estava de acordo com a retomada da Linha de Curzon<sup>10</sup>, que fora delimitada ao fim da Primeira Guerra Mundial. A Polônia receberia também um pedaço do território da Alemanha (Ilustração 5).

Não era desejo da URSS que a Europa fosse repartida em pequenos pedaços. Somente a Alemanha teria esse destino, para mantê-la fraca. Stalin ainda conseguiu o reconhecimento de Josip Broz Tito<sup>11</sup> como autoridade na Iugoslávia, o acesso soviético ao Mar Báltico e a anexação dos países bálticos ao seu território. O líder soviético foi o principal privilegiado nos acordos em Teerã, porém, seu exército era o que mais estava inserido na guerra.

---

10 A **Linha Curzon** é uma linha fronteira e de armistício entre a Polónia e a República Socialista Federada Soviética da Rússia proposta pela Conferência de Paz de Paris em 1919 por uma comunidade presidida por Lord Curzon. A Polónia rejeitou o acordo e, entre as I e II Guerras Mundiais, estendeu os seus limites para este e sul. Em 1946, a fronteira soviético-polaca estabeleceu-se sobre a dita linha. Fonte: <http://catanesenoticias.blogspot.com.br/2013/09/linha-curzon-linha-curzon-uma-linha.html> [acesso em 18/10/2017]

11 **Josip Broz**, mais conhecido por seu título militar Marechal "Tito", nascido em 7 de maio de 1892, foi presidente da Iugoslávia desde o final da Segunda Guerra Mundial até sua morte em 4 de maio de 1980. Quando Tito faleceu, a Iugoslávia, que havia tido uma presença positiva nas relações internacionais, afundou em uma aguda crise ao reavivar as tensões nacionalistas entre os povos que a compunham. Esta crise acabou em uma cruenta guerra que levou de novo o conflito bélico à Europa na década de 1990. Após a invasão alemã à Iugoslávia em abril de 1941 e da União de Repúblicas Socialistas Soviética (URSS) em junho desse mesmo ano, Broz organizou um poderoso movimento guerrilheiro que lutou contra os ocupantes germano-italianos. Ainda que as tropas soviéticas tenham entrado durante um curto período de tempo no país em seu avanço rumo à Alemanha, as guerrilhas comunistas de Tito foram as principais responsáveis pela derrota do Eixo em seu país. Fonte: <https://seuhistory.com/hoje-na-historia/morre-josip-broz-tito> [acesso em 18/10/2017]

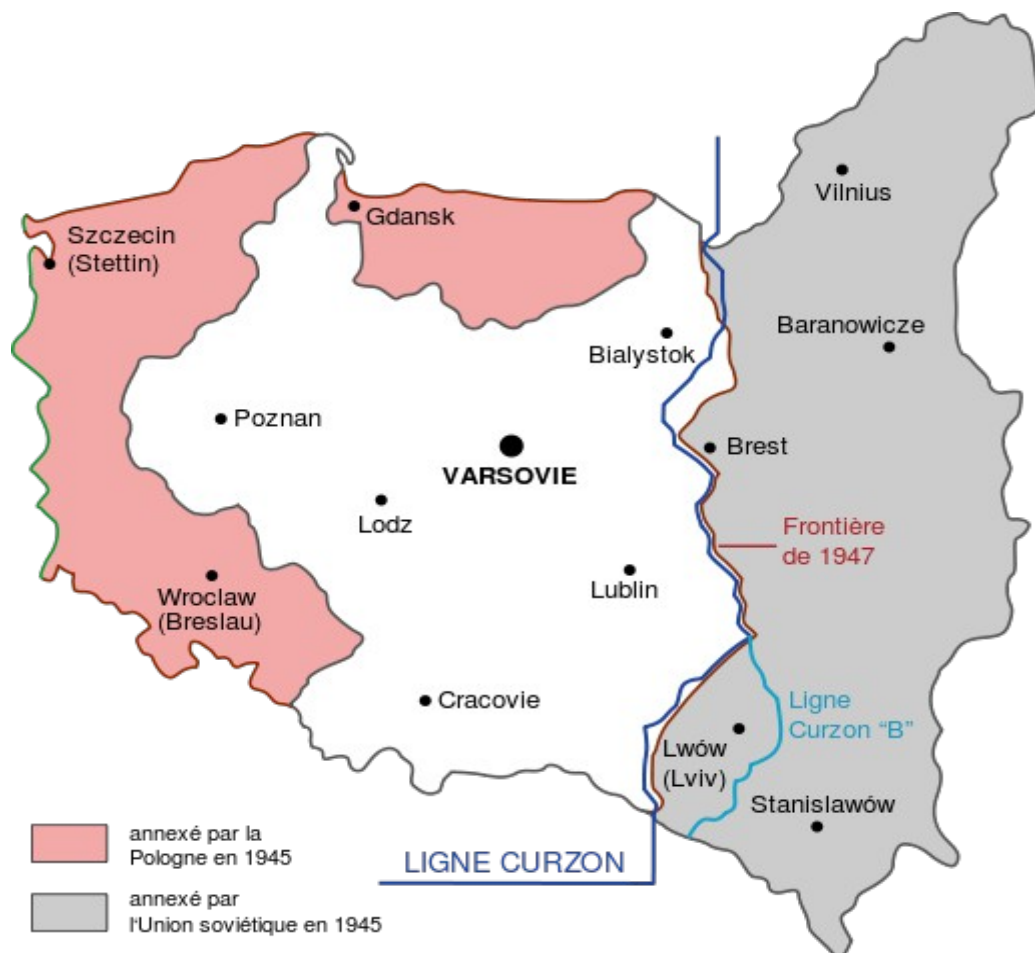


Ilustração 5: Linha Curzon e os territórios anexados pela Polônia em 1945

Fonte: <http://catanesenoticias.blogspot.com.br/2013/09/linha-curzon-linha-curzon-uma-linha.html> [acesso em 18/10/2017]

## 2. 2. Conferência de Yalta, fevereiro de 1945

Em 1944, havia a necessidade de administrar a Polônia, que tinha dois subgovernos em meio à destruição da guerra. Stalin tinha vontade de empurrar o país mais para o Ocidente, pois havia anexado terras polonesas à área, porém não havia tomado conta de todo o território. Um deles estava estabelecido desde o início da guerra, a partir do exílio do antigo governo em Londres, e o outro em Lublin, que fora recém libertada e dependente da URSS. Porém, houve o Levante de Varsóvia<sup>12</sup>, onde um exército de militares foram fiéis ao presidente exilado. Enquanto os soviéticos apenas cercavam Varsóvia, o exército alemão fez um massacre matando cerca de 200 mil poloneses. A cidade foi praticamente destruída. Stalin não permitiu que apoio aéreo americano e britânico que lançava suprimentos, armamento e munição para que os poloneses insurgentes reabastecessem em território soviético. Após essa derrota, nada mais impedia o avanço do poder da URSS em território polonês.

O presidente Roosevelt nada fez em relação às atitudes de Stalin, mas Churchill tentava conter a expansão soviética, pois ao fim da guerra e com a saída das tropas americanas do solo europeu, seus interesses no Mediterrâneo estariam ameaçados. Então, em um encontro bilateral, em Moscou com Stalin, ele mostrou as proporções de influência da URSS e dos britânicos nas Balcãs, incluindo Grécia, Romênia e Hungria. Tal ato gerou mal estar, mas serviu para provar o que estava desenhado: as potências tinham esferas de poder dentro de outros países. Assim, ele cedia à URSS um pedaço da Europa Oriental, que estava em seu domínio, e ficaria com a Grécia, onde já havia uma ameaça de ascensão de grupos comunistas. Stalin cumpriu o contrato e acabou abandonando os comunistas gregos. Para ele, Grécia, Espanha e Portugal eram países ocidentais, e nada mais natural que seu governo fosse dessa lado do mundo, enquanto que o leste da Europa tinha que ser de domínio do governo Oriental.

---

12 No dia 1o. de agosto de 1944, durante a Segunda Guerra Mundial, teve início uma grande revolta dos poloneses da cidade de Varsóvia contra a ocupação nazista. O movimento foi liderado pelo general polonês Tadeusz Bor-Komorowski, comandante do exército de resistência, formado por 40 mil soldados mal equipados. Além de acelerar a liberação de Varsóvia, este exército tinha conexão com o governo polonês que vivia no exílio em Londres. Os guerrilheiros também eram ideologicamente anticomunistas e tinham planos de conquistar o controle, ao menos parcial, de Varsóvia antes da chegada dos soviéticos. Apesar de algumas conquistas iniciais obtidas pelos poloneses, a libertação soviética da cidade era inevitável. Diante da revolta em Varsóvia, o líder nazista Adolf Hitler ordenou aos seus comandados que a resistência polonesa fosse aniquilada a todo o custo. A elite da SS nazista dirigiu a força de defesa alemã, que incluía a Brigada Kaminiski de prisioneiros russos e a Brigada Dirlewanger de condenados alemães. Em combates brutais de rua, os poloneses foram gradualmente superados pelo poder de fogo alemão. À medida que os rebeldes eram vencidos, os nazistas, deliberadamente, arrasaram grande parte da cidade e massacraram muitos civis. Enquanto isso, os soviéticos faziam o seu caminho para chegar a Varsóvia. O Exército Vermelho ganhou espaços na ponte através do rio Vístula, mas não ajudou os rebeldes em Varsóvia. Os soviéticos também rejeitaram um pedido dos britânicos de usar bases aéreas soviéticas para o transporte aéreo de suprimentos para os poloneses sitiados. Os rebeldes e os cidadãos da cidade ficaram sem remédios, alimentos e, eventualmente, sem água. Finalmente, em 2 de outubro, houve a rendição dos rebeldes poloneses sobreviventes, incluindo Bor-Komorowski. Fonte: <https://seuhistory.com/hoje-na-historia/tem-inicio-revolta-de-varsovia-na-polonia> [acesso em 13/10/2017]

Então em fevereiro de 1945 no Teerã, sob proteção de quatro regimentos NKVD<sup>13</sup> e 160 aviões de guerra. Joseph Stalin tinha uma guarda de 600 soldados. Houve uma varredura na cidade, onde quase 75 mil pessoas foram revistadas e quase mil presas. Foram levados empregados, louças, talheres e tudo mais de uso pessoal direto da URSS especialmente para ele. O clima era de espionagem total. Eram colocadas escutas, grampos e todo tipo de material que pudesse captar alguma informação importante, de ambos três lados.



Ilustração 6: Roosevelt, Churchill e Stalin na Conferência de Yalta

Fonte: <http://opiniaoenoticia.com.br/internacional/lideres-dos-paises-aliados-se-encontram-na-conferencia-de-yalta/>  
[acesso em: 25/09/2017]

O líder soviético era um personagem único e sombrio. Usava a agressividade de seu exército e poder para dominar as áreas o qual invadira. Isso o tornava para uma parte das lideranças de seus aliados durante a 2ª Guerra uma ameaça às democracias ocidentais. Mas Roosevelt não o via assim. Ele o enxergava com um líder o qual teria que manter relações amigáveis e cooperativas para a reconstrução do mundo no pós guerra. E assim, tendo a resposta positiva do líder oriental sobre a

---

13 **NKVD** (russo: Narodnyi komissariat vnutrennikh del; Ucrainiano: NKVS, ou Narodnyi komisariat vnutrishnikh sprav [Comissariado do povo para assuntos internos]). Foi um ministério do governo soviético responsável pela segurança e aplicação da lei, criado em 7 de novembro de 1917 e reorganizado como MVD em 19 de março de 1946. Durante sua história, o NKVD sofreu numerosas mudanças organizacionais e funcionais: às vezes, como em 1922-3, 1934-41 e 1941-3, englobava não só a espionagem e a inteligência estrangeira, mas também a força policial regular, os guardas de fronteira e o sistema prisional. Em outras ocasiões, como em 1917-22, 1923-34, 1941 e 1943-6, foi dividido em duas agências separadas, uma responsável pela segurança do Estado e outra para a aplicação da lei. Essas mudanças foram devidas a fatores políticos e não administrativos. A notoriedade da NKVD como instrumento de terror pertence aos períodos em que o aparelho de segurança do Estado passou por sua jurisdição (julho de 1934 a abril de 1943, exceto em fevereiro a julho de 1941). Fonte: <http://www.encyclopediaofukraine.com/display.asp?linkpath=pages%5CN%5CK%5CNKVD.htm> [acesso em 13/10/2017]

fundação das Nações Unidas, sua satisfação aumentou, e mais ainda, quando Stalin concordou em entrar na guerra do Pacífico, sob a proposta da URSS receber o território japonês como recompensa, além de uma esfera na China.

O presidente americano também estava voltado a ganhar apoios domésticos para a política externa, então propôs um acordo onde haveria governos híbridos com base nas forças democráticas. Porém, como não houve uma pressão real de Roosevelt sobre a execução dessa declaração, e também com Stalin que planejava ajustar mais adiante no acordo, a declaração da Europa Libertada não passara de um jogo político de palavras.

Então, os acordos entre Churchill, Roosevelt e Stalin foram que os países ocidentais concordariam em dar à URSS uma boa parte da Polônia, porém sem delimitar as fronteiras, postergando para outro momento uma conferência para selar a paz. Mas o principal era definir quem governaria o território, então foi solicitado que além dos soviéticos, houvessem também representantes poloneses exilados ou ainda moradores de lá.

Quanto à Alemanha, com certeza o processo seria longo e complicado, e deveria ter a participação das três potências. O seu território foi desmembrado em zonas de ocupação. Ainda se incluiu a França, que controlaria uma parte, assim criando-se o Conselho de Controle Aliado. Os planos eram impor condições duras para a Alemanha derrotada. A princípio, ela sofreria duras sanções, como ser privada das suas instalações industriais, e reduzida a um país agrário. Porém essa ideia iria prejudicar muito a reconstrução e o desenvolvimento europeu. Por isso, esse plano acabou por ser abandonado. Porém, ainda iriam conduzir o país germânico com mão de ferro.

O grande problema da conferência é que ela não desenhou claramente o que seriam as “esferas de influência” que cada potência possuiria sobre os países dominados. A longo prazo, essa dominação se mostrou extremamente prejudicial a todos eles.

Mas não houve muita diferença entre Teerã e Yalta. O principal assunto que deveria ser debatido nessa última – o futuro da Alemanha – não foi claramente definido. Quando a guerra finalmente acabou, Roosevelt pretendia manter as alianças e coalizões que já estavam postas. O resultado é que não foram acordos e tratados que fizeram a redivisão da Europa, mas sim, as posições que os exércitos ocupavam ao fim das batalhas.

Porém, no início de 1945, já se percebia que as intenções dos soviéticos para com a Polônia não eram tão benevolentes assim. Foi notado então que o melhor a fazer era realmente dividir os territórios em esferas de influência, onde cada uma das potências governaria sem interferências externas. Mas havia um elemento chave de tensão dos ocidentais para com a URSS: a criação de uma entidade internacional operacional para gerir a atuação dos novos governos. Era uma semente do que seria as Nações Unidas. Os americanos tinham a certeza que a causa das guerras anteriores

eram as questões monetárias, econômicas e financeiras internacionais, e que se houvesse uma instituição que cuidasse dessas áreas a fim de controlar essas operações, a paz e o desenvolvimento das nações seria muito maior.

Os planos americanos não eram permanecer na Europa libertada. Seu isolacionismo anterior, que fora combatido com a sua entrada na guerra, estava prestes a voltar, com o abandono dos territórios que estavam sob seu domínio militar. Roosevelt não se importou com as condições duvidosas de Stalin na ocupação da Polônia. Isso ia contra Churchill, que cada vez mais se sentia ameaçado pelo líder soviético. Por sua insistência, o americano acabou por enviar uma carta para Moscou, em abril de 1945, onde declarava que as atitudes da URSS na Polônia eram um risco para os acordos da Conferência de São Francisco, que iria fundar a ONU, e também para o novo reordenamento mundial pós-guerra. Então, no mesmo mês, ele comunica a Stalin que Yalta havia fracassado. Quando seu sucessor Truman ficou sabendo dessa frase apenas dois meses depois do ocorrido, percebeu que Roosevelt finalmente estava mudando de posição sobre a URSS. Porém, Churchill e Roosevelt nunca mais teriam oportunidade de debater sobre como lidar com os soviéticos.

Desde Yalta até a morte de Roosevelt, os americanos estavam repensando em como tratar com Stalin e sua forma de governo. Porém, desde o levante de Varsóvia o presidente americano vinha recebendo instruções de que deveria ser mais duro para com a URSS. Porém, ele planejava negociar usando seu poderio nuclear e acordos de ajuda econômica para poder ter ganhos maiores. Mas percebeu que Stalin era uma pessoa na qual não se podia confiar. Sua estratégia era separar assuntos políticos de assuntos militares, coisa que Stalin não conseguia desmembrar. Ou seja, Roosevelt não media forças com a URSS comparando seus poderios bélicos.

Percebe-se então, que para Stalin, Yalta foi uma grande vitória. Conseguiu manter tudo que havia conquistado até então, tendo apenas que ceder sobre a criação da Declaração da Europa Libertada, que ele já planejava contornar para que não o afetasse. Ao mesmo tempo, o desmembramento da Alemanha não o interessava, e acabou por deixar para trás essa questão.

Quando Roosevelt faleceu, em 12 de abril de 1945, não havia nenhum tipo de “testamento de política externa”. O seu sucessor Harry Truman assumiu em meio a um turbilhão de ideias de como lidar com os soviéticos, e com a sua falta de compromisso em lidar com os acordos pré estabelecidos. Ele como vice presidente nunca fora convidado a participar das decisões e planos do governo, na condução da política externa e estratégia de guerra. Essas ideias somente estavam na cabeça de Roosevelt, o que tornaria impossível saber quais rumos ele realmente planejava tomar na Europa e para com a URSS.

Tudo indica que Roosevelt planejava que EUA, Grã Bretanha, URSS e China fossem os



“policiais do mundo”. Isso permitiria então, que a União Soviética se expandisse no leste europeu e na Alemanha. Mas para ele, essa ideia de controle das potências conjuntamente acabaria com a necessidade de esferas de influência, tornando-as irrelevantes. Essa visão parecia estar se realizando com Bretton Woods, onde a URSS participou, e os EUA se tornaram um centro de conversão monetária, onde o dólar – a sua moeda nacional – atrelaria todas as outras a si. Havia ainda a conferência das Nações Unidas, onde foram acordados sistemas de segurança e controle. Havia também um outro elemento que Truman não possuía: o relacionamento interpessoal que Roosevelt tinha com Stalin e Churchill.

Com a queda iminente da Alemanha e de Hitler, que já estavam praticamente derrotados desde Stalingrado, e com a tomada final de Berlim se aproximando, a diplomacia entre URSS e USA estava desgastada. Stalin acreditava que os aliados estavam negociando a rendição com os alemães, em troca de partes do território alemão que deveriam ser ocupados pelos soviéticos. O líder comunista era extremamente desconfiado, e por fim, paranoico sobre seus inimigos e aliados. Porém, Roosevelt continuou com a sua conduta, que incluía não saber bem o que fazer o que fazer com a administração da Europa pós-guerra, mas confiando que a sua amizade com Stalin ajudaria a superar os obstáculos.

Então, em 25 de abril de 1945, durante a abertura da Conferência de São Francisco, Truman declarou através do rádio que, ou se criava um organismo internacional para regulamentar o pós-guerra, ou o mundo iria entrar em caos. Posteriormente, ele ficou sabendo das consequências internacionais que a bomba atômica traria, inclusive com a URSS, porém não se importou com seus efeitos. Para ele, era mais problemática a questão que Churchill levantou semanas antes, sobre a ocupação americana em Berlim, Praga e na libertação da parte ocidental da Tchecoslováquia. Porém, seguiu o conselho de George Marshall<sup>14</sup>, de que não valia a pena perder vidas americanas em nome da política.

Logo após a derrota da Alemanha, no final de maio, houve o primeiro esboço de um encontro bilateral entre Truman e Stalin. Churchill imediatamente se sentiu ameaçado pelo fato de ambos reunirem-se sem a sua presença. Começou a criticar ainda mais a URSS, proferindo palavras que diziam ser os soviéticos uma grande ameaça à paz mundial e aos interesses dos aliados do ocidente.

Ao mesmo tempo, um representante americano fora enviado a Moscou para conversar com Stalin. Harry Hopkins<sup>15</sup> fora acusado, anos depois, de manter contatos estreitos demais com os

---

14 **George Catlett Marshall** (1880 - 1959), foi o principal soldado dos EUA durante a Segunda Guerra Mundial, serviu como chefe de gabinete de 1939 a 1945, construindo e dirigindo o maior exército da história. Diplomático, atuou como secretário de Estado de 1947 a 1949, formulando o "Plano Marshall", um programa sem precedentes de ajuda econômica e militar a nações estrangeiras.

Fonte: [https://www.nobelprize.org/nobel\\_prizes/peace/laureates/1953/marshall-bio.html](https://www.nobelprize.org/nobel_prizes/peace/laureates/1953/marshall-bio.html) [acesso em: 13/01/1983]

15 **Harry L. Hopkins**, (17 de agosto de 1890 - 29 de janeiro de 1946), foi um administrador democrático que

soviéticos, assim, colocando-o como suspeito de ter trabalhado involuntariamente como colaborador da espionagem soviética. Ele comunicou a Stalin que as relações construídas com Roosevelt estavam prestes a desmoronar. Tudo seria enfim decidido na questão da Polônia. Stalin, sendo um grande diplomata negociador, ligou a participação da URSS no confronto do Pacífico com o andamento da diplomacia militar entre os países. E que iria resgatar o que foi perdido para o Japão pelo Czar Nicolau II<sup>16</sup> após a guerra russo-japonesa, no início do século.

A preocupação americana era o quanto deveriam se envolver na questão polonesa. Eles não sabiam até onde deveriam interferir no modo como os soviéticos estavam tratando os prisioneiros de guerra não comunistas que estavam na Polônia. Preferiram se abster, e não participar no modo como a URSS estava tratando-os.

---

personificou a ideologia de vastos programas de trabalho federais para aliviar o desemprego na década de 1930 nos EUA; ele continuou como Emissário do Presidente Franklin Roosevelt e seu conselheiro pessoal mais próximo durante a Segunda Guerra Mundial. Fonte: <https://www.britannica.com/biography/Harry-L-Hopkins> [acesso em 13/10/2017]

16 A **Guerra Russo-japonesa** aconteceu em 10 de fevereiro de 1904. Foi um conflito que surgiu das ambições imperialistas rivais da Rússia Imperial e o Japão, em Manchúria e Coreia, e que concluiu com a vitória nipônica. O conflito se desencadeou na Manchúria e no Mar Amarelo, ao norte da Coreia. Nos últimos anos do século XIX e princípios do século XX, vários países ocidentais competiram por influência, comércio e território na Ásia Oriental. Enquanto isso, o Japão se esforçava para se transformar em uma grande potência moderna. A situação geográfica do Japão o estimulou a orientar-se rumo a Coreia e ao norte da China, chocando com os interesses expansionistas russos. Tudo isso levou ao enfrentamento dos exércitos de ambos os países e o resultado foi à vitória dos japoneses e a derrota dos russos. Fonte: <https://seuhistory.com/hoje-na-historia/inicio-da-guerra-russo-japonesa> [acesso em 13/10/2017]

### 2. 3. Conferência de Potsdam, julho e agosto de 1945

Foi o último encontro dos chamados “Três Grandes”. Harry Truman, ao embarcar para a Antuérpia, tinha expectativas de resultados práticos. Necessitava saber como seria a reconstrução da Alemanha e quando poderia contar com a entrada da URSS na guerra do Pacífico. Stalin previa que com a morte de Roosevelt não teria resultados positivos com os ocidentais, que estavam repudiando a expansão soviética. Mas ele também se sentia insatisfeito com o crescimento do globalismo anglo-americano. Além disso, ele não entendia como poderia ser uma ameaça ao ocidente, já que apenas defendia seus territórios de forma natural.

Ao fim da guerra, os grandes objetivos de Stalin eram bem definidos: manter a cooperação com as duas outras potências e levar à frente sua estratégia de transformar a Europa oriental. Para ele, não havia um conflito entre essas duas posições.



Ilustração 7: Churchill, Truman e Stalin reunidos pela última vez, em 1945

Fonte: <http://www.dw.com/pt-br/h%C3%A1-70-anos-confer%C3%A2ncia-de-potsdam-selava-destino-da-alemanha/a-18590741> [acesso em: 25/09/2017]

A Conferência de Potsdam teve menos interesse do que Yalta, realizada anteriormente. Mas seria nela que estariam fundamentados todos os alicerces das bases de divisão da Europa e por consequência, da ordem internacional nas próximas décadas.

A pedido de Stalin, Truman presidiu a conferência. Exibindo claro nervosismo, o líder americano se demominou como não sendo um bom diplomata, mas que estava profundamente

interessado em acordos práticos. Então, Stalin demonstrou interesse em entrar na guerra do Pacífico, selando assim uma cooperação bilateral que excluía a Grã Bretanha. Aliás, para Stalin, EUA e URSS tinham muito a trocar e ofertar entre si, enquanto que os britânicos nada tinham a oferecer. Diante desse discurso, Truman acreditou que poderia então se entender com os soviéticos. Ele, da mesma forma que Roosevelt, não via em Stalin a figura de um ditador sem escrúpulos e ameaçador para o restante do mundo.

Mas enquanto todos prestavam atenção aos dois grandes líderes e ao novato na conferência, as negociações e conversas mais importantes ocorreram nos bastidores. Os Ministros das Relações Exteriores dos três países – Anthony Eden, da Grã Bretanha e Vyacheslav Molotov das URSS, ambos com grande experiência em relações internacionais, e James Byrnes - representando os EUA, tendo participado das conversas em Yalta e agora chefe da diplomacia dos EUA - manipularam entre si grandes decisões. Byrnes, famoso pelas suas táticas de articulação, seria decisivo nas propostas americanas em Potsdam. Para ele, a única forma que parecia ser possível manter a paz e a cooperação pós-guerra era manter a diplomacia e confiança com os soviéticos. A mesma linha de pensamento do falecido presidente Roosevelt.

Para Byrnes também era necessário que a Alemanha reestruturasse a sua economia através dos seus próprios recursos, reativando as minas de carvão na Bacia do Ruhr, e exportando o minério. Em contrapartida, os germânicos não iriam depender do investimento econômico americano para o seu reerguimento, evitando que o país se tornasse o garantidor das finanças da Alemanha derrotada e destruída. Ele queria também pôr fim às hostilidades, garantindo a sua política doméstica. Isso ocasionou o seu descaso pela bomba atômica e seus efeitos, o que remeteu ao ataque ao país nipônico sem qualquer aviso. Para ele, a bomba serviria apenas para encurtar a guerra e poupar a vida de milhares de soldados americanos nos *fronts* de batalha.

Então, ao início da Conferência, quatro pontos faziam parte da pauta inicial: dois se relacionavam à questão da criação de organismos internacionais para gerir os problemas pós-guerra, como um conselho de ministros das Relações Exteriores, juntamente com um Conselho Aliado para gerenciar a Alemanha. Os dois objetivos restantes eram polêmicos: colocar em prática tudo que havia sido acertado em Yalta, e a integração da Itália na comunidade das nações.

O choque de expectativas era grande. Stalin pensava nas reparações de guerra, o que fazer com a esquadra alemã que restou, e pretendia eliminar o governo de Franco na Espanha, redistribuindo suas posses. Para ele, o interessante era retirar o máximo que pudesse dos países derrotados. A pauta principal para os ocidentais era garantir que a Europa se reconstruísse e se estabilizasse.

Apesar de os diplomatas estarem negociando muitos dos problemas que surgiram que que

ainda viriam a surgir, os três grandes ainda tinham muitas questões delicadas a resolver. Churchill queria saber o que fariam com a Alemanha e suas novas fronteiras. Com uma grande parte da Polônia ocupada pelos soviéticos, estes pretendiam dar uma parte da Alemanha como reparação aos poloneses. Isso não agradava os ocidentais. Ao mesmo tempo, Stalin relutava a aceitar propostas sobre a regulamentação das reparações alemãs. Por ironia, os soviéticos tiveram apoio dos franceses, os quais não eram bem vindos por eles no início das negociações. O general Charles de Gaulle<sup>17</sup> não tinha interesse que a Alemanha ressurgisse como um grande país.

Então, Churchill chocou-se contra Stalin sobre a sua ideia de acabar com o governo de Franco<sup>18</sup>. Para ele, seria uma afronta a URSS ter uma base militar em Dardanellos. Além disso, as novas fronteiras entre Alemanha e Polônia não o agradavam, e o comportamento do Marechal Tito, na Iugoslávia, que estava massacrando seus inimigos passados. Porém, Churchill não conseguia receber apoio americano.

Apesar de ter debatido algumas questões com Stalin sobre seus objetivos, Truman queria acabar logo com a guerra contra o Japão e não ter que financiar os pós-guerra europeu. Enquanto isso, seu Ministro de Relações Exteriores via que via Alemanha, a URSS iria se infiltrar bem no meio da Europa. Mas, apesar da sua preocupação com os soviéticos, o foco principal também era derrotar de uma vez o Japão.

A essa altura, Churchill perdera as eleições, e a Grã Bretanha enviava a Potsdam seus dois novos representantes: Clement Atlee, novo Primeiro-Ministro, e Ernest Bevin, Ministro das Relações Exteriores. No entremeio de tempo das eleições britânicas e na volta de Churchill ao seu país para disputar o pleito, houveram avanços entre as negociações entre EUA e URSS na conferência. Quando Atlee chegou enfim para a mesa, haviam já sido discutidos alguns pontos do que deveria ser acordado sobre o futuro da Europa e da Alemanha. Uma das determinações seria que a URSS cobrava que 50% das reparações de guerra seriam custeadas pela Alemanha. Porém, os

17 **Charles de Gaulle** (1890 - 1970) foi um general e político francês. Um dos comandantes aliados na Segunda Guerra Mundial e um dos principais estadistas do pós-guerra. No início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) os alemães investiram contra a França, seguindo para o norte da Linha Maginot. De Gaulle liderou várias tropas e teve sucesso na defesa da França contra a invasão alemã. Em 1940, os alemães derrotaram os franceses e tomaram a França. De Gaulle fugiu para a Inglaterra, de onde mandava mensagens de rádio para o povo francês continuar a resistência. O governo de Vichy da França, instalado pelos alemães, condenou De Gaulle. Com o apoio dos ingleses e dos americanos, De Gaulle organizou e dirigiu a resistência francesa que lutou pela libertação de Paris. Em 1944, ao voltar para a França, assumiu o governo provisório. Entrou em conflito com a oposição e deixou a Presidência em 1946. Fonte: [https://www.ebiografia.com/charles\\_gaulle/](https://www.ebiografia.com/charles_gaulle/) [acesso em 13/10/2017]

18 **Francisco Paulino Hermenegildo Teódulo Franco y Bahamonde**, nascido em 4 de dezembro de 1892 e mais conhecido como o general Francisco Franco, implementou, com o apoio de movimentos nacionalistas ou *Movimiento Nacional*, uma longa ditadura na Espanha. Seu regime político, que criou um estado católico, autoritário e corporativo, ficou conhecido como franquismo. O general Franco permaneceu no poder de 1936 até o dia 20 de novembro de 1975, data de sua morte, em Madri. O pós-franquismo durou até 1977. O regime franquista começou quando Francisco Franco se proclamou Caudilho da Espanha pela Graça de Deus ao vencer a Guerra Civil Espanhola. Seu regime teve caráter ditatorial e sem divisão de poderes, em que diversas liberdades individuais (de associação, de expressão, de voto, sindical, etc.) foram limitadas. O legado de Franco, contudo, é motivo de controvérsias. Enquanto uma parte da população considera que foi um líder forte que pacificou e estabilizou a Espanha, para outros foi um cruel repressor. Fonte: <https://seuhistory.com/hoje-na-historia/nasce-o-ditador-espanhol-francisco-franco> [acesso em 13/10/2017]

soviéticos já ocupavam praticamente a metade do solo alemão. Então, o mais óbvio seria que eles retirassem desse território o que quisessem.

Também foi sugerido, por parte dos americanos, que os pequenos países satélites da URSS, da Polônia e da Itália fossem unidos em um bloco, com um destino comum para todos, a fim de resolver o problema de uma vez só. Com a permissão britânica então, foram postos aos soviéticos as ideias pensadas. Por fim, com Stalin doente e afastado da mesa principal, sendo assessorado pelo seu Ministro, ele cedeu à questão das reparações, mas venceu nas questões das novas fronteiras alemãs com a Polônia (Ilustração 8).

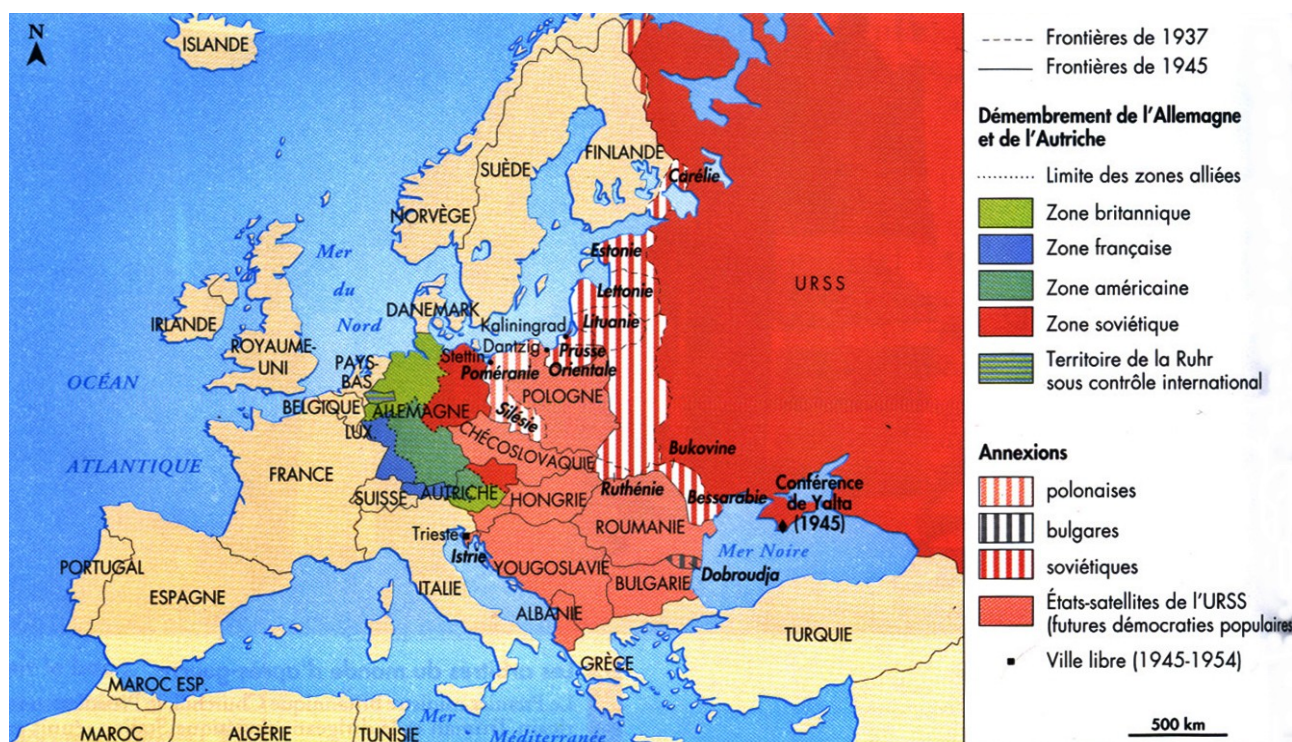


Ilustração 8: As antigas e novas fronteiras europeias, e as zonas de influência em 1945

Fonte: [http://www.secondeguerra.net/hiseto/po/hp\\_accordsyalta.html](http://www.secondeguerra.net/hiseto/po/hp_accordsyalta.html) [acesso em: 25/09/2017]

Mas um pouco antes dessa decisão final, Truman levou ao conhecimento de Stalin – fazendo-o de modo casual – os seus testes bem sucedidos com uma nova arma de destruição em massa. Porém, Stalin já o sabia. A espionagem soviética trabalhara muito bem, e revelara ao seu líder todos os avanços na tecnologia nuclear americana. Nos bastidores, Stalin irritou-se com o fato dos EUA usarem a bomba atômica como ferramenta de intimidação para convencê-lo a aceitar as suas propostas. Mas ao contrário do que parecia, os americanos não pensavam na sua nova arma como um instrumento de barganha e ameaça velada. Para eles, a bomba serviria apenas como o último movimento para a capitulação do Japão, forçando a sua rendição incondicional e encerrando a guerra no Pacífico. Porém, contava que a ajuda soviética seria bem vinda para encerrar o conflito.

Em 31 de julho, Stalin retorna à mesa de debates. Tentou novamente negociar as reparações,

mas diante na negativa americana, acabou por ceder. Na madrugada do dia 1º, começava o que seria a última reunião dos três grandes. Stalin ainda tentou ter um reconhecimento maior para os regimes que estavam sob seu poder, mas Truman se opôs. Então, foi encerrada a conferência após oficializados os acordos. Ainda Truman planejou um próximo encontro de líderes, dessa vez em Washington, que nunca se realizaria.

Então, quase que imediatamente após o fim da conferência, Stalin percebeu que só conseguiria manter controle sobre seus dominados à base da força. Manipulação de eleições, violência contra quem não era de acordo com o comunismo e terror político eram práticas comuns dos soviéticos. Para os ocidentais, foi vantajosa essa diferença entre as circunstâncias oriental e ocidental. Para os alemães, por mais raiva que tivessem dos seus então agora dominantes, os americanos e britânicos eram uma alternativa muito melhor que os soviéticos.

Um dos resultados do acordo de Potsdam foram os números enormes de deportações. Com a recusa soviética de devolver o território polonês que estava sob seu comando, milhões de poloneses tiveram que ceder espaço ao recém-chegados. Em contrapartida, alemães tiveram que dar lugar aos deportados.

Rapidamente, os EUA e a Grã Bretanha notaram que não teriam como manter os alemães vivos e alimentados se a própria Alemanha não tivesse condições de reequer a sua economia. Então, o governador militar americano que estava presidindo o país germânico suspendeu o envio de quaisquer tipos de reparação para o lado ocidental, ocupado pelos soviéticos. Essa decisão ajudou a firmar os diferentes rumos das duas economias e à divisão do país até o fim da Guerra Fria, em 1989.

### 3. A Conferência de Bretton Woods, o Plano Marshall e a Crise dos Mísseis

Com as labaredas da guerra ainda ardendo na Europa, as grandes potências mundiais pensavam adiante: como seria a economia nos tempos seguintes. Assim, os EUA se adiantaram no planejamento econômico mundial, durante a Conferência de Bretton Woods (1944), tornando-se o país provedor da estabilidade econômica mundial pós-guerra. Uma das suas conquistas foi tornar a sua moeda nacional, o dólar, a principal em negociações internacionais. Assim, surgiram organismos de controle econômico, como por exemplo o Fundo Monetário Internacional (FMI), que existe até hoje.

Então em 1947, George C. Marshall lança seu plano homônimo. Posto em prática entre os anos de 1948-1951 pelo presidente Harry Truman, deixou definitivamente com os EUA o controle da política monetária e fiscal dos países europeus ocidentais. Beneficiando principalmente a Inglaterra, França, Alemanha Ocidental e Itália, foram liberados pelos americanos cerca de 11,5 bilhões de dólares em empréstimos, equipamentos e abastecimento. Até mesmo depois do fim do Plano, os EUA seguiram liberando crédito quando havia escassez de dólares na Europa. Assim, o capital norte americano se inseriu profundamente na economia europeia, e ao mesmo tempo, freiou em parte o avanço soviético.

Mas a animosidade entre os EUA e URSS não estava somente no outro lado do mundo. Os Estados Unidos tinham Cuba quase “no seu quintal”<sup>19</sup>, que havia constituído o governo de Fidel Castro (1926 - 2016), e havia recentemente sido atacada indiretamente pelos americanos na invasão da Baía dos Porcos. A intenção era derrubar o regime inimigo implantado bem ao seu lado. Após o líder comunista conseguir vencer a invasão e defender seu território, conseguiu apoio da URSS, que instalou mísseis na Ilha de Cuba, a apenas 145 quilômetros da Flórida, apontados diretamente para os EUA. Assim, durante os dias 16 a 28 outubro de 1962, os americanos bloquearam a entrada de novos mísseis em território vizinho, e exigiram a retirada dos que já estavam instalados. Foi um dos períodos mais tensos da história humana. Após negociações entre John Kennedy (1917 - 1963) e Nikita Krushev (1894 - 1971), este último resolveu desmontar todo equipamento bélico soviético que estava em território cubano e levar de volta para a URSS. Com isso, o diálogo entre americanos e soviéticos se alargou, afastando a possibilidade de um embate real entre as duas ideologias. A Guerra que já era Fria, gelou ainda mais.

---

19 Da virada do século até a Revolução Cubana, em 1959, as relações entre Washington e Havana eram basicamente amigáveis. Até demais: observadores críticos chegavam a denominar o país insular de "quintal dos Estados Unidos". Em meados da década de 20, companhias americanas possuíam 60% da indústria açucareira, e o país importava 95% de toda a produção agrícola cubana. Essa cooperação de características colonialistas se intensificou com a ascensão ao poder do general Fulgencio Batista, presidente por dois mandatos e líder "de fato" de Cuba desde os anos 1930 até sua derrubada pelos rebeldes liderados por Fidel Castro, em 1º de janeiro de 1959. Fonte: <http://www.dw.com/pt-br/cinco-d%C3%A9cadas-de-tens%C3%B5es-cuba-eua-sobreviveram-at%C3%A9-%C3%A0-guerra-fria/a-18138134> [acesso em 13/10/2017]



### 3. 1. Conferência de Bretton Woods, 1944

A Conferência de Bretton Woods, ou ainda, Sistema de Bretton Woods, foi um projeto de gerenciamento econômico internacional, determinando as regras de relações comerciais e financeiras para os países mais desenvolvidos do mundo. Foi a primeira ordem monetária global desenvolvida exclusivamente por Estados nacionais.

Com o objetivo de reconstruir o sistema capitalista enquanto a segunda guerra mundial ainda não havia acabado, cerca de 730 delegados pertencentes às 44 nações aliadas encontraram-se na cidade que dá nome ao Tratado, Bretton Woods (BW), em julho de 1944 (Ilustração 9). Foi um encontro que durou aproximadamente três semanas, onde o poder sobre o dinheiro, o conhecimento e a natureza foi determinado pelos “vencedores” da guerra, os Aliados, buscando a hegemonia do dólar americano por parte dos EUA, e do comunismo por parte da URSS.

Diante do antagonismo entre americanos e soviéticos em suas ideologias, e a Guerra Fria que estava começando a tomar forma, o cenário era tenso diante do extremismo presente em ambas linhas de condução. Transpondo as linhas sociais, econômicas e culturais, além de alianças militares e grandes instituições monetárias, ambas correntes de pensamento tiveram amplo apoio de várias esferas.



Ilustração 9: Conferência de Bretton Woods: 44 nações reunidas

Fonte: <http://www.dw.com/en/how-bretton-woods-reshaped-the-world/a-17747360> [acesso em: 25/09/2017]

A segunda guerra promoveu, sem dúvidas, um grande avanço tecnológico nos países

participantes. Isso se deveu à necessidade das nações de sobrepujar o inimigo no front de batalha. Quando a guerra terminou, toda essa tecnologia poderia ser usada para finalmente promover e reerguer as nações destruídas ou abaladas. Em Bretton Woods, foi tratado desse assunto, como pode-se ver em Schwartz (2012):

“As tecnologias de informação e comunicação, ao criarem ícones e redes de produção, distribuição e assistência técnica, instauram espaços híbridos, trajetórias locais e inovadoras tornam-se possíveis ao mesmo tempo em que se reforçam vínculos com o sistema, sobretudo pela conexão em tempo real dos mercados financeiros dos países integrados ao sistema mundial. Em Bretton Woods, foram criadas as bases para que esse sistema de informação (e, portanto, de transmissão de efeitos monetários e financeiros) ganhasse cada vez mais densidade e alcance, apoiado no desenvolvimento dos novos modelos de comunicação e transmissão de dados que a própria guerra mundial havia promovido intensamente.” (pág 243)

Então, ao determinar regras, instituições e procedimentos reguladores da política econômica internacional, foi criado o Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) e o Fundo Monetário Internacional (FMI), tornando-se funcionais em 1946, após um *quorum* mínimo de nações aceitar o acordo.

Assim, uma das disposições do tratado era que cada país deveria adotar um sistema monetário que mantivesse o câmbio de suas moedas dentro de um parâmetro, em média 1%, relativo à cotação do ouro. Também estava no acordo a necessidade da provisão do FMI em financiamentos caso houvesse dificuldades temporárias de pagamento.

Dessa forma, o sistema criado em BW era baseado no capitalismo liberal, com a liderança dos EUA, garantindo a sustentabilidade e estabilidade das economias e do mercado. Na crise de 1929 já havia se aprendido que barreiras comerciais e sanções não somente não evitam, como também, agravam os problemas de crescimento econômico das nações. Portanto, somente o capitalismo liberal poderia permitir que todos os países tivessem oportunidade de não somente de se manter, mas também de crescer. Segundo esse pensamento, as grandes causas das duas guerras mundiais seria sanada, pois atribuíam-se os motivos do seu acontecimento à discriminação econômica e disputas comerciais, presentes na Europa anteriormente.

John Maynard Keynes (1883-1946), líder do lado britânico em BW, pregava a ação governamental no desenvolvimento dos países. Outro grande personagem importante nas negociações foi Harry Dexter White (1892-1948), que pensava: “a falta de um alto grau de colaboração econômica entre as nações industrializadas resultará, inevitavelmente, em guerra econômica”<sup>20</sup>.

Então, as economias mais desenvolvidas passaram a ser comandadas pelos EUA. Este

---

20 Fonte: MAGNOLI, Demetrio (org): **História da Paz**. São Paulo, Contexto, 2012. Pag 245

atuava como “gerente” e determinava a queda de barreiras internacionais sobre o comércio e o fluxo de dólares. Com sua planta industrial intocada pelos efeitos da guerra que não chegaram a seu território, perdas humanas relativamente baixas, e ainda, tendo a sua economia alavancada devido à própria guerra, no comércio de armas e empréstimo de dinheiro aos aliados, os americanos eram hegemonicamente superiores aos demais países. Na Europa e no Japão havia uma destruição econômica, humana e estrutural sem precedentes. Estavam reduzidos a pó, finda a guerra.

Em 1945, os EUA produziam metade do carvão mundial, 2/3 do petróleo, mais de 50% da eletricidade, além de navios, aviões, carros armas, máquinas industriais e produtos químicos. E ainda possuía um trunfo gigantesco: a bomba atômica. Além disso tudo, mais de 80% das reservas de ouro do planeta (SCHWARTZ, 2012, pag 245).

Assim, a posição americana era ter todos os poderes sobre seus países devedores, tendo ambições de ser seu credor para sempre. Isso afetou a estabilidade de preços, a flexibilidade dos mercados e o comércio internacional, que acabou se tornando neoliberal, de acordo com as vontades dos EUA. Bretton Woods estava ligado de forma indissolúvel ao FMI. Foram estabelecidas taxas de câmbio fixas entre as moedas, a fim de evitar uma guerra monetária entre as nações, pois toda alteração nas taxas deveriam ser comunicadas ao FMI. Sem a obrigatoriedade do lastro de ouro, a diplomacia econômica pôde permitir negociações mais amplas e livres entre as nações, sem a real necessidade de recorrer a bancos para conseguir fundos.

### 3. 2. O Plano Marshall, 1947

Diante do Congresso americano, no dia 12 de março de 1947, Henry Truman (1884 – 1972), então presidente dos EUA - que substituiu Roosevelt após a sua morte - , fez seu discurso com as então novas diretrizes da Política Externa. Entre as pautas, estava a necessidade de esforços especiais para combater o avanço soviético no mundo. Proferindo as palavras: "A fim de garantir o desenvolvimento pacífico das nações, sem exercer pressão, os Estados Unidos assumiram a maior parte na criação das Nações Unidas. Mas só concretizaremos nossas metas se estivermos dispostos a ajudar povos soberanos na manutenção de suas instituições livres e de sua integridade nacional contra imposições de regimes autoritários"<sup>21</sup>, ele então cimentou o que ficou conhecida como *Doutrina Truman*. De imediato foi proposto a concessão de créditos para a Grécia e a Turquia e a colaboração financeira dos Estados Unidos na recuperação da economia dos países europeus. A ajuda americana não limitava-se somente ao campo econômico, mas estendia-se ao campo militar, o que deu origem à Guerra Fria. Na área econômica a *Doutrina Truman* foi responsável pelo **Plano Marshall**.



Ilustração 10: Presidente Harry S. Truman e o Secretário de Estado George C. Marshall, em 1947

Fonte: <https://www.wisconsinhistory.org/Records/Image/IM8277> [acesso em: 02/10/2017]

21 Fonte: <http://www.dw.com/pt-br/1947-divulgada-a-doutrina-truman/a-305913> [acesso em 13/10/2017]

Então, George Catlett Marshall (1880 - 1959), ex-organizador do Estado-Maior da força de guerra dos Estados Unidos e então Secretário de Estado, no dia 5 de junho de 1947, na Universidade de Harvard, em Nova York, desenhou a política de estabilização e fortalecimento das forças de resistência econômica e política dos países da Europa Ocidental. "A política dos Estados Unidos não é dirigida contra um país ou uma ideologia, mas contra a fome, a pobreza, o desespero e o caos. Quem tentar bloquear a reconstrução de outros países não pode esperar ajuda"<sup>22</sup>, disse, referindo-se aos comunistas do leste da Europa, excluídos dos planos de ajuda externa dos EUA.

O plano permaneceu em operação por quatro anos fiscais a partir de julho de 1947. Dezesesseis nações, incluindo a Alemanha, se tornaram parte do programa e moldaram a assistência que eles necessitavam, nação por nação, com assistência administrativa e técnica prestada pela Administração de Cooperação Econômica (ECA) dos Estados Unidos. As nações europeias receberam cerca de US\$ 13 bilhões em ajuda, o que inicialmente resultou em embarques de alimentos, combustível e máquinas dos Estados Unidos e mais tarde resultou no investimento em capacidade industrial na Europa. O financiamento do PM terminou em 1951. O Quadro 1 mostra uma síntese dos financiamentos concedidos:

**Quadro 1: total de recursos destinados aos países auxiliados pelo plano marshall, em milhões de dólares**

<i>País</i>	<i>1948/49 (\$ milhões)</i>	<i>1949/50 (\$ milhões)</i>	<i>1950/51 (\$ milhões)</i>	<i>Acumulado (\$ milhões)</i>
<b>Áustria</b>	\$232,00	\$166,00	\$70,00	<b>\$488,00</b>
<b>Bélgica e Luxemburgo</b>	\$195,00	\$222,00	\$360,00	<b>\$777,00</b>
<b>Dinamarca</b>	\$103,00	\$87,00	\$195,00	<b>\$385,00</b>
<b>França</b>	\$1,09	\$691,00	\$520,00	<b>\$2,30</b>
<b>Alemanha*</b>	\$510,00	\$438,00	\$500,00	<b>\$1,45</b>
<b>Grécia</b>	\$175,00	\$156,00	\$45,00	<b>\$366,00</b>
<b>Irlanda</b>	\$88,00	\$45,00	-	<b>\$133,00</b>
<b>Itália e Trieste</b>	\$594,00	\$405,00	\$205,00	<b>\$1,20</b>
<b>Holanda</b>	\$471,00	\$302,00	\$355,00	<b>\$1,13</b>
<b>Noruega</b>	\$82,00	\$90,00	\$200,00	<b>\$372,00</b>
<b>Portugal</b>	-	-	\$70,00	<b>\$70,00</b>
<b>Suécia</b>	\$39,00	\$48,00	\$260,00	<b>\$347,00</b>
<b>Suíça</b>	-	-	\$250,00	<b>\$250,00</b>
<b>Turquia</b>	\$28,00	\$59,00	\$50,00	<b>\$137,00</b>
<b>Reino Unido</b>	\$1,32	\$921,00	\$1,06	<b>\$3,30</b>

(\*) Refere-se às zonas da Alemanha sob o controle dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e da França.

FONTE: WERNER, Alice Helga; COMBAT, Flávio Alves: **História “viva” e história “objetivada”**: George F. Kennan e o Plano Marshall, pág 190

22 <http://www.dw.com/pt-br/1947-%C3%A9-anunciado-o-plano-marshall/a-568633> [acesso em 18/10/2017]

Porém, o PM não é, em absoluto, somente um plano de ajuda para os países europeus devastados pela guerra. Um dos objetivos seria garantir o poder americano sobre os governos, economia e produção europeus. Assim, os antigos impérios abrem mão da sua independência e soberania para que os EUA possam reinar sobre o mundo capitalista. Com essa manobra, os americanos garantem mercado para seus produtos que não tem procura interna, acesso à matérias-primas que não conseguem produzir, e ainda controlam a indústria, o comércio externo, o sistema monetário e as finanças na parte ocidental do Velho Continente (LEONTIEV, 1949) No Quadro 2, podemos ver as variações do PIB *per capita* nos países assistidos.

**Quadro 2: Variação do PNB per capita dos eua e dos países assistidos pelo plano marshall, 1947 e 1951**

<i>País</i>	<i>1947**</i>	<i>1951**</i>
<b>Austria</b>	\$1.213,00	\$2.473,00
<b>Bélgica</b>	\$3.145,00	\$3.951,00
<b>Dinamarca</b>	\$4.016,00	\$4.602,00
<b>França</b>	\$2.682,00	\$3.628,00
<b>Alemanha*</b>	\$1.847,00	\$3.507,00
<b>Grécia</b>	\$731,00	\$954,00
<b>Islândia</b>	\$4.366,00	\$4.230,00
<b>Irlanda</b>	\$1.876,00	\$2.144,00
<b>Itália</b>	\$1.540,00	\$1.955,00
<b>Luxemburgo</b>	\$4.112,00	\$4.883,00
<b>Holanda</b>	\$3.304,00	\$4.022,00
<b>Noruega</b>	\$3.830,00	\$4.616,00
<b>Portugal</b>	\$485,00	\$634,00
<b>Suécia</b>	\$5.321,00	\$6.157,00
<b>Turquia</b>	\$450,00	\$578,00
<b>Reino Unido</b>	\$4.515,00	\$5.016,00
<b>Média européia</b>	<b>\$2.426,00</b>	<b>\$3.238,00</b>
<b>Estados Unidos</b>	<b>\$6.332,00</b>	<b>\$7.240,00</b>

(\*\*) Em dólares norte-americanos de 1981.

Fonte: WERNER, Alice Helga; COMBAT, Flávio Alves: **História “viva” e história “objetivada”**: George F. Kennan e o Plano Marshall, pág 191 (\*) Refere-se às zonas da Alemanha sob o controle dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e da França.

Mas isso já estava sendo construído desde a Primeira Guerra Mundial, com o fornecimento de bens, produtos e capital pelos EUA para países europeus, como descreve Arrighi (1996):

“Os direitos britânicos sobre os ativos e rendas norte-americanos foram muito importantes na economia dominada pela Grã-Bretanha, porque os Estados Unidos poderiam fornecer a esta, com presteza e eficiência, todos os suprimentos de que ela precisasse para defender seu dispersíssimo império territorial numa guerra global. (...) Numa linha similar, quando eclodiu a Primeira Guerra Mundial, o ministro do Tesouro estimou que os resultados dos investimentos externos britânicos seriam suficientes para custear cinco anos de guerra. (...) Entretanto, em 1915, a demanda britânica de armamentos, máquinas e matérias-primas superou em muito o que a Real Comissão de 1905 havia projetado. Grande parte dos equipamentos necessários só podia ser fornecida pelos Estados Unidos, e sua compra deu início à erosão dos direitos britânicos à renda produzida nos Estados Unidos, bem como à acumulação de direitos norte-americanos sobre as receitas e ativos britânicos. (...) O governo britânico, com compromissos nos Estados Unidos que chegavam a centenas de milhões de libras, estava no limite de seus recursos. Não tinha nenhuma condição de cumpri-los. Entre essa data e o Armistício, tomou emprestado do governo norte-americano, para custear "necessidades absolutas de subsistência e de guerra", não muito menos de £ 1 bilhão. No fim da guerra, portanto, os Estados Unidos haviam recomprado por uma pechincha alguns dos investimentos maciços que tinham construído a infra-estrutura de sua própria economia doméstica no século XIX e, além disso, haviam acumulado imensos créditos. Ademais, nos primeiros anos do conflito, a Grã-Bretanha fizera empréstimos enormes a seus aliados mais pobres, sobretudo a Rússia, enquanto os Estados Unidos, ainda neutros, haviam tido plena liberdade para substituir com rapidez a Grã-Bretanha como principal investidor estrangeiro e intermediário financeiro na América Latina e em partes da Ásia. Terminada a guerra, esse processo tomara-se irreversível. A maior parte dos US\$ 9 bilhões de créditos líquidos de guerra dos Estados Unidos era devida pela Grã-Bretanha e pela França, relativamente solventes; porém, mais de 75% dos créditos líquidos de guerra da Grã-Bretanha eram devidos pela falida (e revolucionária) Rússia, e tiveram que ser majoritariamente cancelados como incobráveis.” (pág 278 e 279)

Com isso, politicamente, a Europa se quebra em vários pedaços, desmembrando-se e ficando sob o domínio americano. Ainda bate de frente com os países comunistas e das chamadas democracias populares, criando uma base de ataques contra a União Soviética e seus países socialistas em pleno território europeu. Assim, impôs a todos os países que estavam sob seu Plano uma nova cultura, forma de vida e de consumo, impondo novos hábitos a um povo que recém havia saído de uma guerra devastadora.

Mas é importante lembrar que o Plano Marshall só obteve êxito graças à capacidade dos então governantes europeus em celebrar acordos de estreita cooperação entre Estado, capital e trabalho. Então, nesse contexto, os trabalhadores se beneficiaram do crescimento econômico, com aumento da renda *per capita* e com baixas nos números de desempregados, fazendo assim com que as propostas comunistas não soassem assim tão fascinantes e atraentes. Porém, o PM só teve sucesso graças à qualificação da mão de obra, o potencial industrial e à estabilidade da sociedade em relação à política (WERNER, COMBAT, 2007).

Essa interferência americana na economia européia causou preocupação à URSS. Em resposta, os soviéticos criaram o Plano Molotov<sup>23</sup>, também chamado de COMECON (Conselho

---

23 O *Plano Molotov* foi uma série de acordos bilaterais, entre o estado soviético e cada uma das democracias populares, que estipulavam, a longo prazo, ajuda técnica e financeira, e intercâmbio de produtos e matérias-primas. Para a coordenação conjunta da planificação econômica, criou-se em 1949 o COMECON, o Conselho de Ajuda Econômica Mútua, organização de cooperação econômica, científica e técnica fundada pela URSS, Polónia, Checoslováquia, Bulgária e Albânia. Fonte: [https://www.infopedia.pt/\\$comecon](https://www.infopedia.pt/$comecon) [acesso em 20/10/2017]

para a Assistência Econômica Mútua) em 1949, o qual propunha organizar a produção industrial e coordenar o comércio exterior das zonas de influência soviética. Mas apesar do relativo sucesso do Plano Molotov, ele não chegou nem a se aproximar da magnitude do Plano Marshall.



### 3.3. A Crise dos Mísseis, 1961

Depois de mais de dois anos de batalhas contra o Exército de Fulgêncio Batista<sup>24</sup>, quando este fugiu para São Domingo, finalmente o exército de Fidel Castro (1926 – 2016) se aproximava da vitória. Assumindo a presidência de Cuba, Fidel Castro foi saudado juntamente com seu exército pela população. Uma esperança para mudanças floresceu, e assim nesse clima de comemoração, o novo líder da Revolução discursou no dia 1º de janeiro de 1959 no Parque Céspedes em Santiago de Cuba<sup>25</sup>, e após, rumou a Havana, capital. Durante o trajeto, desfilou em jipes, sob a aclamação do povo.

Mas a paz de Cuba não durou muito tempo. No mês de abril de 1961, um incêndio provocado por contra revolucionários em uma loja no centro de Havana matou uma trabalhadora, e deixou vários feridos. Então, no dia 15 do mesmo mês, aconteceram bombardeios aéreos no aeroporto de Santiago de Cuba e em mais dois campos de pouso na capital de Cuba. O saldo foi de sete pessoas mortas e 53 feridas. A finalidade desses ataques era causar danos na Força Aérea Cubana, pois no dia 17 cerca de 1500 homens que haviam sido treinados pela CIA na Guatemala atacaram a Praia Girón, na Baía dos Porcos. A defesa se deu por parte de milicianos que faziam parte da guerrilha de Che Guevara<sup>26</sup>, sob o comando de Fidel Castro. Che Guevara estava em Havana, para resguardar a segurança da capital cubana. Com a vitória de Cuba, Fidel declarou que os EUA eram os responsáveis pelos ataques ao país, graças às informações que recebeu sobre a CIA. Assim, declarou o caráter socialista da sua Revolução.

Mas anos antes, em 1959, Nikita Krushev (1894 – 1971), o então primeiro-ministro da

---

24 **Fulgêncio Batista** nasceu em 16 de janeiro de 1901, em Banes. Alistou-se no exército e participou da Revolta dos Sargentos, em 1933, que derrubou o regime em vigor. Assumiu o poder no mesmo ano e permaneceu como ditador até 1944. Durante o seu primeiro governo, mantinha-se com o poder de convocação de cargos públicos e acumulando sua fortuna pessoal com investimentos e corrupção. Assim, rapidamente, se tornou o homem mais poderoso financeira e politicamente de Cuba. Após ser retirado do poder por revoltas do exército, em 05 de abril de 1952, ele prepara um novo golpe de estado e reassume o poder. Todavia, ao invés de melhorar a situação do povo cubano, que permanecia no analfabetismo e na miséria, o governo de Fulgêncio Batista piorou a situação. Com a insatisfação do povo, ele passa a comandar o país como um verdadeiro tirano. Uma das principais insatisfações era a proximidade do governo de Batista com os Estados Unidos, fazendo com que Cuba fosse vista como uma colônia norte-americana. Além disso, as medidas autoritárias, repletas de violência e repressão, mandando prender opositores políticos e controlando a imprensa, a universidade e o congresso, fizeram com que Fidel e sua trupe preparassem o golpe de 1959, que, mais tarde, ficaria conhecido como a Revolução Cubana. No final de sua vida, Fulgêncio Batista se exilou na Ilha da Madeira e, posteriormente, na Espanha, onde permaneceu até sua morte, em 06 de agosto de 1973. Fonte: <http://redes.moderna.com.br/2012/04/05/fulgenio-batista-e-o-golpe-em-cuba/> [acesso em 13/10/2017]

25 O discurso pode ser lido na íntegra em <http://www.cubadebate.cu/opinion/2014/01/01/fidel-castro-el-1-de-enero-de-1959-esta-vez-si-que-es-la-revolucion/#.WeFXeTtrzDc> [acesso em 13/10/2017]

26 **Ernesto Guevara de La Serna** (1928-1967) foi um guerrilheiro e revolucionário argentino, um dos principais líderes da Revolução Cubana. Se tornou o braço direito de Fidel Castro, presidente do Banco Nacional e mais tarde Ministro da Indústria de Cuba. Acreditava na construção do Socialismo. Na Bolívia, organizou um grupo guerrilheiro com o objetivo de unificar o regime político da América Latina. Che Guevara faleceu em La Higuera, na Bolívia, no dia 9 de outubro de 1967. Seus restos mortais foram encontrados, 30 anos depois, em uma vala comum, na cidade de Vallgrande e levados para Cuba, sendo sepultado no Mausoléu Guevara, em Santa Clara na província de Villa Clara. Fonte: [https://www.ebiografia.com/che\\_guevara/](https://www.ebiografia.com/che_guevara/) [acesso em 13/10/2017]

URSS, aceitou o convite de Dwight Eisenhower (1890 - 1969), presidente americano na época, para uma visita diplomática. As intenções de Krushev eram evidenciar os avanços da URSS nos campos da ciência e tecnologia. Para impressionar de saída, viajou para Washington em um avião ainda não testado, mas de dimensões enormes. Embora não houvesse nenhum acerto prévio entre EUA e URSS, Krushev queria aproveitar a sua visita para mostrar que ele era um líder muito diferente de Stalin.

O ano de 1961 não foi muito favorável para os americanos e para John Kennedy, recém-eleito. Um soviético, Yuri Gagarin (1934 - 1968) foi o primeiro homem a entrar em órbita e retornar. Assim, a URSS ultrapassou os EUA na corrida espacial. Conjuntamente, houve o fracasso à invasão da Baía dos Porcos. Em 13 de agosto, foi erguido o Muro de Berlim. Ainda, Krushev anunciava que faria testes com bombas nucleares com 100 megatons de potência, sete vezes mais do que as que haviam até então.

Com toda essa pressão por parte dos soviéticos, Kennedy precisava responder à altura. Então, através de um porta-voz do Governo, disse que “Temos capacidade de lançar um segundo ataque pelo menos tão amplo quanto o primeiro dos soviéticos. Portanto, estamos confiantes em que eles não provocarão um gigantesco conflito nuclear”<sup>27</sup>.

Porém, o efeito não foi o esperado. Em 14 de outubro de 1942, aviões espiões americanos U-2 sobrevoaram Cuba e viram o impensável: bases de mísseis nucleares em construção, com capacidade de alcance de 1600km, assim, podendo atingir o litoral leste dos EUA, em cerca de 13 minutos. No dia 16 de outubro, Kennedy tomou conhecimento do fato, e teve duas possibilidades de resposta. Uma seria invadir Cuba, a outra, seria um bloqueio marítimo, ou “quarentena”. Essa última foi a opção do presidente americano, no dia 22 do mesmo mês. Realizando um pronunciamento para mais de 100 milhões de compatriotas, o que foi considerada a maior audiência de um discurso presidencial até então, ele disse: “A política desta nação será considerar qualquer lançamento de projétil nuclear de Cuba contra qualquer nação do hemisfério Ocidental como um ataque da URSS contra os EUA, o que requer uma adequada resposta de represália contra a URSS”<sup>28</sup>. A Organização dos Estados Americanos (OEA) aceitou as razões americanas e apoiou a expansão da quarentena à Cuba.

Em 26 de outubro, o Primeiro Ministro soviético enviou uma missiva ao presidente americano, onde propunha a retirada do armamento militar que estava sendo instalado em Cuba, em troca da garantia americana de não invadir a ilha. Para os EUA foi um alívio, que porém não durou muito tempo. No dia 27, recebem uma carta de Krushev com as seguintes palavras:

---

27 Fonte: DOMINGOS, Charles Sidarta Machado: 50 anos da Crise dos Mísseis: horror nuclear em tempos presentes. Pág 83 a 89, disponível em <https://www.seer.furg.br/hist/article/view/3666/2514>. Pág 86 [acesso em 02/10/2017]

28 Fonte: IDEM nota 27, pág 87 [acesso em 02/10/2017]

*“Nós aceitamos retirar de Cuba aqueles materiais que você qualificou de ofensivos, e podemos comprometer-nos a isso no seio das Nações Unidas. Em reciprocidade, seus representantes farão uma declaração no sentido de que os EUA, considerando as dificuldades e a ansiedade do Estado soviético, retirarão da Turquia materiais ofensivos similares”<sup>29</sup>.*

Diante da nova situação, uma guerra nuclear estava quase se iniciando. Kennedy então resolve responder à Krushchev dizendo:

*“Nós, por nossa parte, estamos dispostos – mediante o estabelecimento dos adequados acordos realizados através das Nações Unidas para assegurar a continuidade e por em marcha desses compromissos – ao seguinte: a) Levantar imediatamente as medidas de quarentena em vigor; b) Dar segurança contra a invasão de Cuba. Confio em que as outras nações do hemisfério Ocidental estão dispostas a atuar do mesmo modo. O efeito de tal acordo sobre a tensão mundial nos permitirá continuar trabalhando acerca de um acordo geral referente a “outros armamentos” como você propõe em sua segunda carta que foi feita pública”<sup>30</sup>.*

Então, encerra-se a Crise dos Mísseis, que foi considerado o momento mais “quente” de uma guerra que era “fria”. Em 1963, foi assinado por várias nações do globo o Pacto de Paz Atômica. Embora ele não vetasse a construção de artefatos nucleares, limitava seus testes na atmosfera. Mas a Guerra Fria ainda continuava.

---

29 Fonte: IDEM nota 27, pág 87 [acesso em 02/10/2017]

30 Fonte: IDEM nota 27, pág 87 e 88 [acesso em 02/10/2017]

#### 4. Do outro lado do muro: a URSS

“Desde sua construção, em agosto de 1961, o muro de Berlim sempre foi identificado com o governo do Partido Socialista Unificado da Alemanha (SED, na sigla em alemão) e especificamente com Walter Ulbricht e Erich Honecker. O máximo símbolo da divisão da cidade de Berlim, da Alemanha, do continente europeu e, em certo sentido, do conflito da Guerra Fria era justificado pelos dirigentes comunistas germano-orientais sob o argumento de proteger a economia da República Democrática da Alemanha (RDA) do saqueio, do contrabando e da especulação – além de controlar a população e evitar a fuga em massa de trabalhadores qualificados para o setor oeste da cidade, território da República Federal da Alemanha (RFA).” (AVILA, pág 93)

Os soviéticos terminaram a guerra vitoriosos, porém arruinados. Foram massacrados pelo exército alemão, principalmente na parte ocidental. Mas ainda assim, tinham um enorme prestígio político, principalmente na Europa. Seu modelo militar exaltava força e poder, e afinal, tinha sido responsável pela derrota de Hitler. Joseph Stalin ainda era um ícone para seus compatriotas, símbolo de orgulho e chefe das instituições estatais. E, sobretudo, havia no imaginário soviético a esperança de reconstruir um mundo com paz, fraternidade e solidariedade. Porém, a forma que Stalin conduziu a URSS no pós-guerra fechou as possibilidades de unificação global, principalmente após o início da Guerra Fria, em 1946 (REIS FILHO et al, 2005, pág 15). Assim, o mundo ficou bipolar, antagonista e dividido. Podemos ler em Hobsbawm (2005):

“Em 1945, as fronteiras da região que se separou do capitalismo mundial ampliaram-se dramaticamente. Na Europa, incluíam agora toda a área a leste de uma linha que ia, a grosso modo, do rio Elba na Alemanha até o mar Adriático e toda a península Balcânica, com exceção da Grécia e da pequena parte da Turquia que restava no continente. Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, Iugoslávia, Romênia, Bulgária e Albânia passavam agora para a zona socialista, assim como a parte da Alemanha ocupada pelo Exército Vermelho após a guerra e transformada em uma “República Democrática Alemã” em 1954. A maior parte da área perdida pela Rússia depois da guerra e da revolução pós-1917 e um ou dois territórios antes pertencentes ao império habsburgo também foram recuperados ou adquiridos pela União Soviética entre 1939 e 1945.” (pág 364)

A URSS estava focada em um pós-guerra com interesses ainda bélicos: manter abastecido seu exército, continuar modernizando seu arsenal, e criando complexos industriais e militares. Sob uma economia de comando, com as atividades estatizadas, planejamento centralizado, ampliação de agências de controle, uma forte ditadura política, descaso com os interesses individuais dos cidadãos e falta de interesse nos problemas sociais tais como melhorias urbanas, salariais e de vida, o ambiente lembra a década de 30, dos Planos Quinquenais<sup>31</sup> (REIS FILHO et al, 2005, Op. Cit.)

31 A partir de 1928, a economia soviética, sob o comando de Stálin, viveu a socialização total, com a abolição da NEP (acrônimo de Novaya Ekonomiceskaya Politika, em português: Nova Política Econômica, política adotada por

Planos estes que voltaram na década de 50, onde o foco era a produção de carvão, petróleo, aço e energia elétrica que estavam batendo recordes, e acabaram negligenciando as safras agrícolas, principalmente de grãos. Isso levou ao declínio do total da produção e estagnação do setor. Todo o foco do desenvolvimento era se armar para a Guerra Fria.

O Governo jogava em duas posições. Uma era fazer campanhas positivas para promover a produção e a produtividade, com prêmios e incentivos. Na outra face da moeda, o uso do terror e medo para combater as mínimas suspeitas de inimigos do regime. Isso fez com que blocos inteiros de refugiados e prisioneiros de guerra fossem removidos e realocados em campos de trabalhos forçados, sob a suspeita de colaboracionismo com os capitalistas.

Como compensação, era feita uma cena em torno do líderes comunistas, principalmente de Stalin. A defesa da Pátria, que estava sendo ameaçada pelos monstros do capital, era a coisa mais importante e que exigia a maior preocupação não somente do exército vermelho, mas de todos os civis soviéticos. Nesse clima, Josef Stalin era elevado a posição de deus, com o vemos em Hobsbawn (2005):

“Ao transformar-se em algo semelhante a um czar secular, defensor da fé ortodoxa secular, cujo corpo do fundador, transformado em santo secular, esperava os peregrinos diante do Kremlin, Stalin demonstrou um seguro senso de relações públicas. Para um grupo de povos camponeses e pastores vivendo no equivalente ao século XI ocidental, essa era quase certamente a maneira mais eficaz de estabelecer a legitimidade do novo regime, do mesmo modo como os catecismos simples, brutos e dogmáticos a que ele reduziu o “marxismoleninismo” eram ideais para apresentar idéias à primeira geração de alfabetizados. Tampouco pode o seu terror ser visto simplesmente como a afirmação do poder pessoal de um tirano. Não há dúvida de que ele gostava do poder, do medo que inspirava, da capacidade de conceder vida ou morte, do mesmo modo como não há dúvida de que era inteiramente indiferente às recompensas materiais que alguém em sua posição podia ter. Contudo, quaisquer que fossem seus caprichos pessoais, o terror de Stalin era, em teoria, uma tática tão racionalmente instrumental quanto sua cautela onde não tinha controle. (...) Sua aterrorizante carreira não faz sentido algum a não ser como uma busca obstinada, ininterrupta daquela meta utópica de uma sociedade comunista a cuja reafirmação ele dedicou a última de suas publicações, poucos meses antes de morrer (Stalin, 1952).” (pág 380)

E essa posição defensiva-ofensiva estava surtindo efeito: sua influência estava chegando até a Ásia, anulando o isolacionismo que havia desde a Revolução Russa em 1917. Com o avanço das tropas até Berlim, foram anexados importantes territórios, tais como Letônia, Estônia e Lituânia (conhecidos como Estados Bálticos), ainda uma parte da Polônia e outra da Romênia. Assim, foram

---

Lênin), e a instauração dos “planos quinquenais”. Elaborados pela Gosplan (nome coloquial da política de economia planejada da URSS que substituiu a NEP), órgão encarregado da planificação econômica, que objetivava modernizar e industrializar a União Soviética. O primeiro plano (1928-1933) buscou o aumento da produção de maneira global, estimulando a industrialização, sobretudo da siderurgia e maquinaria. No meio rural foi instalada a coletivização agrícola, implantando-se as fazendas estatais e as cooperativas, processo que levou à morte milhões de camponeses. Com o segundo plano quinquenal, na década de 30, a indústria pesada ainda era prioridade e mostrava grande progresso. Teve início a implantação da indústria produtora de bens de consumo. O terceiro plano quinquenal, iniciado em 1938, visava desenvolver a indústria especializada, especialmente a química, mas não pode ser colocado em execução graças a explosão da Segunda Guerra Mundial. Fonte: <https://www.ebiografia.com/stalin/> [acesso em 19/10/2017]

recuperados territórios perdidos desde a queda do Império Czarista<sup>32</sup>, em 1917.

Com a Europa Central, em parte ocupada pelo exército soviético, o plano era de não cultivar hostilidades. Abrangia Polônia, Tchecoslováquia, Alemanha Oriental, República Democrática Alemã, Hungria, Romênia, Albânia, Bulgária e Iugoslávia. No fim da guerra, foi feito um acordo que esses países não poderiam ser inimigos da URSS. Porém, também não iriam aderir ao sistema socialista.



Ilustração 11: As fronteiras do Socialismo em 1945

Fonte: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/67/07/cc/6707cc19e1738a1cce3ac508265aaf15.png> [acesso em: 18/10/2017]

A ideia inicial era reconstruir o mundo amparado em governos de união nacional com ampla participação, para então depois, se realizarem eleições e cada nação decidir pelo seu destino sozinha. Porém, não resistiu à Guerra Fria.

Nesse ínterim, os países que compunham a Europa Central, que possuíam diferenças sociais, religiosas, linguísticas e culturais entre si, acabaram por serem colocados no mesmo nível pelo

---

32 **Czarismo** foi um sistema político que imperou na Rússia desde 1547 até a revolução de 1917. Czar era o título que se dava ao Imperador Russo. Os czares da dinastia Romanov, que ficaram no poder desde 1613 até 1917, governavam de forma absoluta, na qual o czar se confundia com o Estado. Agiam politicamente em função da grandeza imperial e da ampliação de seu poder como déspota. O primeiro czar Romanov foi Mikhail I e o último foi Nicolau II, assassinado junto com sua esposa e filhos, na cidade de Ecaterimburgo, em julho de 1918, após a Revolução Russa de 1917. Fonte: <https://www.significados.com.br/czarismo/> [acesso em 19/10/2017]

socialismo da URSS. Revogados todos os governos individuais nacionais, foram forçados a entrar no modelo engessado e autoritário comunista. Com métodos agressivos de persuasão, várias nações foram unificadas e sufocadas pelo regime de “Democracias Populares”, que de democracia e popular só tinham o nome<sup>33</sup>.

Então, com a morte de Stalin em 1953, os presos políticos que estavam nos campos de trabalhos forçados tiveram esperanças. Porém, sua alegria não durou muito. As tentativas de motim e fuga foram sumariamente combatidas e anuladas. Para os soviéticos livres, houve uma onda de consternação nacional, que rapidamente passou assim que deu-se a sucessão de poder por Geórgiy Malenkov (1902 – 1988), que esteve no governo entre 1953 a 1955. O país estava preparado, e conseguiu lidar relativamente bem com a perda de seu grande líder. Em Hobsbawm (2005), lemos:

“Após a morte de Stalin, um entendimento tácito entre seus sucessores decidiu pôr fim à era de sangue, embora (até a era Gorbachev<sup>34</sup>) coubesse aos dissidentes no interior e aos estudiosos no exterior avaliar o custo humano total das décadas de Stalin. Daí em diante os políticos soviéticos morriam em suas camas, e às vezes em idade avançada. Embora os *gulags*<sup>35</sup> se esvaziassem em fins da década de 1950, a URSS continuou sendo uma sociedade que tratava mal seus cidadãos, pelos padrões ocidentais, mas deixou de ser uma sociedade que os prendia e matava em escala maciça única. (...) Além disso, nas décadas de 1960 e 1970 a URSS se tornou de fato uma sociedade em que o cidadão comum provavelmente corria menor risco de ser deliberadamente morto por crime, conflito civil ou pelo Estado do que em um número substancial de outros países na Ásia, África e Américas. Apesar disso, continuava sendo um Estado policial, uma sociedade autoritária e, por quaisquer padrões realistas, sem liberdade. Só a informação oficialmente autorizada ou permitida chegava ao cidadão — qualquer outro tipo continuou sendo pelo menos tecnicamente punível por lei até a política da *glasnost*<sup>36</sup> (abertura) de Gorbachev — e a liberdade de viajar e fixar-se dependia de permissão oficial, uma restrição cada vez mais nominal dentro da URSS, mas bastante real quando se tinha de cruzar fronteiras mesmo para outro país “socialista” amigo. Em todos esses aspectos, a URSS continuou sendo nitidamente inferior à Rússia czarista. Além disso, embora para a maioria dos fins cotidianos o governo da lei funcionasse, os poderes de prisão ou exílio interno administrativos, isto é, arbitrários, continuaram.” (pág 382)

---

33 As monocracias populares, também vulgarmente chamadas democracias populares, Burdeau denomina "democracias governantes de poder fechado", porque, teoricamente, nelas o povo, por meio de um partido único, governa quase diretamente. Por isso, toda a oposição é uma traição aos interesses do povo e uma tentativa reacionária de contrariar sua vontade soberana. Fonte: AZAMBUJA, Darcy: Teoria Geral do Estado. São Paulo, Globo, 2008. Pág 274 a 276

34 Secretário-geral do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética de 1985 a 1991 e Presidente da nação entre 1990-1991, **Mikhail Sergeyevich Gorbachev** fez as reformas que conduziram ao final da Guerra Fria e auxiliaram o processo que culminou com a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas ainda em 1991. Fonte: <https://educacao.uol.com.br/biografias/mikhail-gorbachev.htm> acesso em 18/10/2017]

35 O termo "*gulag*" é um acrônimo para a instituição burocrática soviética, Glavnoe Upravlenie ispravitel'no-trudovykh LAGerei (Administração Principal de Campos de Trabalho Corretivos), que operava o sistema soviético de campos de trabalho forçado na era de Stalin. Desde a publicação do "The Gulag Archipelago de Aleksandr Solzhenitsyn" em 1973, o termo passou a representar todo o sistema penal soviético do trabalho forçado. Os campos de concentração foram criados na União Soviética logo após a revolução de 1917, mas o sistema cresceu em proporções tremendas ao longo da campanha de Stalin para transformar a União Soviética em uma potência industrial moderna e coletivizar a agricultura no início dos anos 1930. Fonte: <http://gulaghistory.org/nps/onlineexhibit/stalin/> [acesso em 18/10/2017]

36 A *Glasnost* (transparência, em russo) e a *Perestroika* (reestruturação, em russo) foram medidas políticas e econômicas adotadas na ex-União Soviética, em meados da década de 1980, durante o governo de Mikhail Gorbachev. Tinham como principais objetivos modernizar e abrir a economia soviética, além de garantir maior abertura política. Estas medidas foram as principais responsáveis pelo fim da União Soviética e do seu sistema político econômico (socialismo), que vigorava desde a Revolução Russa de 1917. Foram também de fundamental importância para o fim da Guerra Fria. Fonte: [https://www.suapesquisa.com/historia/glasnost\\_perestroika.htm](https://www.suapesquisa.com/historia/glasnost_perestroika.htm) [acesso em 18/10/2017]

Os rumos para com seus inimigos iriam tomar direções mais pacíficas, visando a conciliação. Apesar de não abrir mão de jeito algum do socialismo, a URSS entendia que não era necessário todo aquele cartesianismo em torno da sua ideologia. O Regime se mostraria superior por si só, acabando por conquistar os demais países, que iriam rejeitar o capitalismo por vontade própria. Assim, conseguiriam neutralizar pacífica e facilmente os adeptos do capital que ainda restavam, sem derramar sangue e sem uma hecatombe nuclear. Assim, o *monolito* socialista dá lugar ao *policentrismo*.

Com isso, vieram várias mudanças internas. Por exemplo, a reafirmação do Partido Comunista, que havia sido quase que completamente encoberto pela figura de líder de Stalin e a sua condição de “deus”. Também foi reforçado o caráter coletivo do sistema, e a eliminação de sistemas independentes dentro do próprio sistema. Ao mesmo tempo, a repressão diminuiu. Foram anistiados presos políticos, a censura dos meios de comunicação regrediu, a revitalização da opinião coletiva e da crítica.

Na economia, eram novas as pautas: preocupação com moradias populares, transporte, saúde e educação. Enfim, era o momento de prestar atenção às demandas do povo, elevando sua condição de vida e trabalho. Reajustes de preços, políticas de incentivos, desenvolvimento da indústria química para adubos e pesticidas, e ainda, uma ação de expansão de áreas agricultáveis sobre terras virgens, foram as medidas tomadas para melhorar o abastecimento da população, quase igualando-o com os índices dos países capitalistas. Todas essas medidas foram aprovadas por Nikita Kruchev, em 1956.

E foi Nikita Krushchev que leu, durante o XX Congresso do Partido Comunista em fevereiro de 1956, um informe que demonizava Stalin e seus atos, dizendo que a atual condição próspera da URSS não era graças à genialidade de seu falecido líder, mas sim, às custas da sua maldade e ganância. Essa revelação rendeu a Kruchev admiração pela coragem em expor o tão amado líder, mas também, estremeceu a confiança no regime socialista (REIS FILHO et al, 2005, pág 22).

Com todas essas mudanças e revelações, a situação na URSS se bipolarizou. Enquanto alguns cidadãos tinham insegurança e dúvidas quanto a futuro, outros sentiam euforia para com o que viria pela frente. Parecia que finalmente a liberdade individual havia voltado. Além disso, os avanços na corrida espacial soviética empolgavam a todos, junto com os avanços tecnológicos e a liderança perante os EUA na conquista do cosmo. Isso se materializou com o lançamento do primeiro satélite, o Sputnik, o primeiro homem no espaço e a primeira sonda na Lua. Perante todas essas conquistas, um Nikita simpático e amável conquistava a todos, contrastando com a tradicional postura sisuda dos líderes anteriores.

Mas o futuro não estava sendo tão promissor assim. As promessas de melhoria na produção



agrícola não se concretizavam. Os avanços sobre as terras virgens não dava resultados positivos, pelo contrário, gerava prejuízos e desperdícios. Em 1963, houve a necessidade de importação de enormes quantidades de grãos de países capitalistas para evitar a fome na URSS (REIS FILHO et al, 2005, pág 23). Até mesmo em outros setores, como a habitação, os resultados não eram satisfatórios. O PNB (Produto Nacional Bruto) da União Soviética, que vinha crescendo 5,7% ao ano na década de 1950 (equivalente aos doze primeiros anos de industrialização em 1928-40) caiu para 5,2 % na década de 1960 e 3,7% nos primeiros anos da década de 1970 (HOBSBAWN, 2005, pág 389).

Enquanto isso, problemas políticos começavam a surgir. Os que antigamente eram privilegiados pelo sistema mais fechado estavam descontentes. Começaram a aparecer focos de resistência à democracia, requerendo o fim do voto secreto e a regulação do número de reeleições para cargos. Ao mesmo tempo, Nikita tomava ares de grande líder. Decisões arbitrárias e sem consulta acabaram por acender as luzes de atenção das elites dirigentes.

Internacionalmente, o regime também não ia bem. A distensão para com os EUA não era bem vista, culminando com a Crise dos Mísseis que quase iniciara uma Guerra Nuclear. A decisão de retirada dos mísseis alocados em solo cubano foi vista como fraqueza e humilhação. O imponente Monolito estava tendo grandes fissuras. Na Itália, Palmiro Togliatti (1893 - 1964) deu um rumo próprio para o socialismo no seu país. Em Hobsbawm (2005):

“(...) logo se espalhou a notícia de que o monolito soviético rachara. Os efeitos dentro da região da Europa dominada pelos soviéticos foi imediato. (...) O fato de essa grande crise dentro do bloco soviético não ter sido/explorada pela aliança ocidental (a não ser para fins de propaganda) demonstrou a estabilidade das relações Oriente-Occidente. Os dois lados aceitavam tacitamente as zonas de influência um do outro, e durante as décadas de 1950 e 1960 nenhuma mudança revolucionária local surgiu no globo para perturbar esse equilíbrio, com exceção de Cuba.” (pág 387)

Na Europa Central, se instauraram vários levantes rebeldes, sob o aparente controle. Um pouco antes da morte de Stalin, em 1953, uma rebelião popular em Berlim Oriental teve que ser combatida com violência. Na Polônia em 1956, outra insurgência popular, controlada através de leves concessões e expurgos dentro do partido. Porém, foi na Hungria que a revolta ao sistema tomou força: em Budapeste, uma revolução popular requeria a neutralidade do país, a retirada do exército soviético, a eleição de um governo interno e independente. A resposta soviética veio forte: tanques invadiram a cidade e calaram os insurgentes derramando sangue e abafando toda e qualquer manifestação, e exilando várias pessoas. Assim, a URSS mostrava os limites do policentrismo socialista.

Em 1964, Nikita Krushev foi derrubado do poder. Sob a alegação dos erros cometidos em

seu governo, como por exemplo acumular poder e desviar o foco do coletivismo, caindo nos mesmos pecados que Stalin sobre o culto à personificação, foi substituído por Leonid Brejnev (1906 – 1982) que assumiu a direção do partido e Alexei Kossiguin (1904 - 1980), a chefia do governo.

O governo de Nikita Krushev teve pontos positivos e negativos. O afrouxamento da repressão, o fim do mito de Stalin, do terror militar para com os civis foram grandes oportunidades de reformar o socialismo. Porém, o culto à própria personalidade, acabaram por culminar em uma aposentadoria vigiada, pelo regime que ele mesmo ajudara a criar (REIS FILHO et al, 2005, pág 25).

## **5. As duas décadas que criaram nosso mundo de hoje**

O resultado de todas as ações planejadas e proferidas pelos grandes líderes e potências mundiais finalmente começou a tomar forma. As previsões e perspectivas se moldaram à realidade, onde começaram não somente a reestruturar os países devastados, mas também, a entrar nas casas e rotinas dos cidadãos. Novas perspectivas econômicas, sociais, de consumo e culturais redesenharam as sociedades ocidentais, mudando completamente sua estrutura.

Após o fim da guerra, com as estruturas sociais destruídas, um novo mundo de novidades, avanços e prosperidade se abriu para os que haviam conseguido sobreviver a todo holocausto recém vivido. E nesse ritmo de prosperidade, vieram não somente novidades na tecnologia, medicina, automobilismo e ciência. Vieram também mudanças de comportamento e visão social, que influenciariam não somente os contemporâneos da época, mas o nosso mundo de hoje.

## 5. 1. América do Norte e Europa: A chamada Era Dourada do capitalismo

“A maioria dos seres humanos atua como os historiadores: só em retrospecto reconhece a natureza de sua experiência. Durante os anos 50, sobretudo nos países "desenvolvidos" cada vez mais prósperos, muita gente sabia que os tempos tinham de fato melhorado, especialmente se suas lembranças alcançavam os anos anteriores à Segunda Guerra Mundial. Um primeiro-ministro conservador britânico disputou e venceu uma eleição geral em 1959 com o slogan "Você nunca esteve tão bem", uma afirmação sem dúvida correta. Contudo, só depois que passou o grande boom, nos perturbados anos 70, à espera dos traumáticos 80, os observadores — sobretudo, para início de conversa, os economistas — começaram a perceber que o mundo, em particular o mundo do capitalismo desenvolvido, passara por uma fase excepcional de sua história; talvez uma fase única. Buscaram nomes para descrevê-la: "os trinta anos gloriosos", a Era de Ouro de um quarto de século dos iglo-americanos (Margiin & Schor, 1990). O dourado fulgiu com mais brilho contra o pano de fundo baço e escuro das posteriores Décadas de Crise.” (HOBBSAWN, 2005, pág 253)

Apesar da semente da Guerra Fria estar germinando, o risco de uma nova guerra mundial era distante. Embora as duas grandes potências e “donos do mundo” terem uma animosidade político-militar, houve a aceitação de ambas as partes da distribuição territorial pós-guerra. A URSS controlava uma parte da Europa ocidental, incluindo metade da Alemanha e uma parte da Polônia, mais o leste Europeu, e os EUA controlavam o mundo capitalista, o hemisfério norte e os oceanos, assumindo as ruínas da antiga hegemonia dos impérios e potências europeus. E nesse acordo, um não intervia militarmente nos territórios do outro. As linhas de demarcação das novas fronteiras foram acertadas em 1943/1945, de acordo com as linhas de ocupação soviéticas e aliadas. Essa estabilidade entre as duas grandes potências duraria por mais de duas décadas, fazendo um esforço para não criarem um conflito militar para conquista e reconquista de territórios.

Mas ao fim da guerra, os EUA se constituíam como uma potência militar, monetária e industrial. Em 1945, sua produção dobrou em relação à década anterior. Ainda eram produtores de metade do carvão mundial, 2/3 do petróleo e mais de 50% da eletricidade. A produção de aço chega a 95 milhões de toneladas, um milhão de toneladas de alumínio, e 1,2 milhões de borracha sintética. Tem uma enorme indústria naval, aeronáutica e de veículos terrestres. Armamento de ponta, maquinário de produção e indústria química também eram os pontos fortes americanos. Ainda possuíam 80% do lastro mundial de ouro, um exército gigante e a bomba atômica (BEAUD, 2004, pág 302). Apesar de toda essa explosão de desenvolvimento americano, Hobsbawn (2005) diz:

“(…) Para os EUA, que dominaram a economia do mundo após a Segunda Guerra Mundial, ela não foi tão revolucionária assim. Simplesmente continuaram a expansão dos anos de guerra, que como vimos, foram singularmente bondosos com aquele país. Não sofreram danos, aumentaram seu PNB em dois terços, e acabaram a guerra com quase dois terços da produção industrial do mundo. Além disso, considerando o tamanho e o avanço da economia americana, seu desempenho de fato durante os Anos Dourados não foi tão

impressionante quanto a taxa de crescimento de outros países, que partiram de uma base bem menor. Entre 1950 e 1973, os EUA cresceram mais devagar que qualquer outro país, com exceção da Grã Bretanha, e, o que é mais a propósito, seu crescimento não foi maior que nos mais dinâmicos períodos anteriores de seu desenvolvimento. Em todos os demais países industriais, incluindo até a lerda Grã Bretanha, a Era de Ouro bateu todos os seus recordes anteriores. Na verdade, para os EUA essa foi, econômica e tecnologicamente, uma época de mais relativo retardo que avanço (...).” (pág 254)

Em 1943, já era discutido em sistema de créditos internacionais que equilibrasse e expandisse os meios de trocas e pagamentos internacionais. Foi atribuída à falta dessa estrutura a grande crise entre a Primeira e Segunda Guerras Mundiais. Com a definição do Câmbio Fixo (Gold Exchange Standard) em Bretton Woods, o dólar seria durante pelo menos os próximos 15 anos a principal referência de moeda internacional e desse tipo de financiamento.

Com o esforço de Stalin para a industrialização da URSS, o país também experimentou um grande crescimento industrial e econômico. Apesar de ter perdido aproximadamente 10% da população (cerca de 20 milhões de pessoas), em 1950 já produzia 71% a mais do que em 1940, sendo 60% para máquinas e equipamentos, e 80% na indústria química. O carvão alcançava a produção de 250 milhões de toneladas, e 25 milhões em aço (BEAUD, 2004, pág 303) . Com um exército muito bem armado, em 1949 foi realizado o primeiro teste com a bomba atômica soviética. Tem presença militar na Europa Central, com o temor que sua influência se estendesse à Turquia ou a outros países europeus com tendências comunistas, tais como Grécia, Itália e França. Nessa enorme tensão em escala global, cada um dos protagonistas busca expandir seu poder, sempre testando os limites, porém, em um tensionamento frio, como o nome da guerra que então se desenhava.

No oeste da Europa, há tentativas de combater o comunismo dos países onde ele se desenhava. No leste, os comunistas dominam as nações as quais estão sob seu poder. Na Grécia, uma guerra civil acaba com os guerrilheiros insurgentes. Polônia, Tchecoslováquia e na Hungria são nomeados chefes de Estado alguns dos generais soviéticos. Enquanto os EUA constituíam alianças nas Américas (1947), no Atlântico Norte (1949) e no sudeste da Ásia (1945), a União Soviética no fim dos anos 40 se colocou entre as nações mais populares da Europa.

Nesse embate binário entre moeda, economia e defesa, duas realidades distintas se confrontam: de um lado o capitalismo percebe que não mais alcança qualquer lugar do planeta, que a sua busca por matérias-primas não é tão vasta e que não atinge todos os mercados. Na outra face da moeda, o Estado que se apropria dos meios de produção, acumulando e industrializando sob o comando e planejamento do governo, e forte coação do aparelho Estatal.

Mas foi nessas duas décadas que houve um desenvolvimento nunca visto dos países capitalistas. Em um crescimento simultâneo, o ocidente experimentava um avanço jamais esperado

de produção industrial e comércio internacional. Por maior que tenha sido a destuição oriunda da guerra, o esforço coletivo dos trabalhadores na produção, organização dos métodos de trabalho e progresso na produtividade, que entre 1938-1948 é superior à de 1900-1913. Com essa estrutura econômica posta, foi que o desenvolvimento aumentou absurdamente na década seguinte. “O mundo capitalista tornou-se gerador de três quintos da produção industrial e dois terços do comércio internacional. Os EUA lideram os índices: um terço da produção mundial é sua. Porém, o sistema de acumulação no lado soviético também evolui” (BEAUD, 1994, pag 311).

Esse crescimento capitalista é sem precedentes na história. Nem todos os países seguiram no mesmo ritmo. Enquanto a Grã Bretanha subia de forma mais lenta, nos EUA ele dispara, e é considerável, na França e Alemanha. Porém, esse crescimento não se baseia especificamente nas taxas de emprego, e sim, na otimização dos métodos e ferramentas de trabalho, bem como nas jornadas trabalhadas. A produção agrícola também aumentou, porém em uma taxa menor. E ao contrário de antigamente, que essa expansão se dava por aumento das terras cultiváveis, dessa vez se deu pela otimização e mecanização da agricultura, elevando a sua produtividade. A produção de grãos por hectare praticamente duplicou entre 1950-1980, sendo que mais que duplicaram na América do Norte, ocidente da Europa e Leste da Ásia. A pesca também teve aumentos significativos, triplicando suas capturas (BEAUD, 1994, pag 314) .

Foram várias categorias trabalhistas pressionadas a produzir mais e melhor. Os agricultores foram coagidos aumentar as safras para darem conta das suas despesas para com a aquisição de produtos industriais. O mesmo se deu com artesões e pequenos comerciantes, que sofreram pressão para que a sua produção aumentasse e alcançasse os padrões impostos e esperados.

Quando a automatização da produção não era possível, eram solicitados trabalhadores por tarefa, trabalho em domicílio e similar ao escravo. Dessa forma eram admitidos mulheres e imigrantes recentes e/ou ilegais para alavancar a produção. Ao mesmo tempo, as empresas, para manterem as suas reputações, exigiam baixos preços de custo, o que era revertido em exigência do aumento da produtividade e das jornadas de trabalho.

O aumento da mais-valia relativa também é presente, com a criação de novas máquinas mais rápidas, mais eficientes e com mais capacidade muda radicalmente o trabalho, diminuindo a estafa física, porém, aumentando a monotonia e a responsabilidade do trabalhador durante as jornadas de trabalho diárias (BEAUD, 1994, pag 315). Essa automação trouxe claramente o sistema fordista<sup>37</sup> e

---

37 *Fordismo* é o conjunto de métodos de racionalização da produção elaborado pelo industrial norte-americano Henry Ford, baseado no princípio de que uma empresa deve dedicar-se apenas a produzir um tipo de produto. Para isso, a empresa deveria adotar a verticalização, chegando a dominar não apenas as fontes das matérias-primas, mas até os transportes de seus produtos. Para reduzir os custos, a produção deveria ser em massa, e dotada de tecnologia capaz de desenvolver ao máximo a produtividade de cada trabalhador. O trabalho deveria ser também altamente especializado, cada operário realizando apenas um tipo de tarefa. E para garantir elevada produtividade, os trabalhadores deveriam ser bem remunerados e as jornadas de trabalho não deveriam ser muito longas. Fonte: SANDRONI, Paulo: Novíssimo Dicionário de Economia. São Paulo, Best Seller, 1999, pag 250

taylorista<sup>38</sup>, de linhas de produção em massa. Ao mesmo tempo, se instala o sistema de trabalho por turnos, que permite que a produção seja constante durante praticamente 24 horas por dia. E o crescimento do trabalho não se deu somente no chão de fábrica. Os escritórios, filiais, bancos, seguradoras, correios e outros também tiveram uma explosão de demanda.

Então, conclui-se que foi através da exploração da mão de obra e coação ao trabalho, conjuntamente com a acumulação de capital, que permitiu esse crescimento nos anos 1950-60. Seja por extensão das horas de trabalho, seja por otimização da linha de produção, ou ainda, por pressão velada ao oferecer salários maiores para quem trabalhava mais, havia muitas combinações possíveis e fatores que impulsionaram o “boom” naquela década.

Por duas décadas, esse sistema foi admitido na Europa. A massa trabalhadora havia passado por uma ou duas guerras, e a expectativa de aumento de ganhos e de poder de consumo os impulsionava. Porém, não eram raros casos de estafa mental e física dos trabalhadores. Jornadas de oito horas diárias, com muitas repetições por hora, em um espaço pequeno e com máquinas barulhentas, transformavam em um inferno o dia a dia do trabalhador. Porém as dívidas geradas para com a aquisição dos produtos disponíveis e acessíveis os tornavam presos ao sistema de produção. Os salários na Alemanha ocidental subiam em uma taxa de 6% ao ano. Na França, os ganhos mensais aumentavam em média 4% anualmente (BEAUD, 2004, pág 318). Com isso, eleva-se o consumo e permite-se o acesso à população a mais bens duráveis, criando uma “sociedade de consumo”.

Esse crescimento se reflete na construção civil e na urbanização das cidades. Conjuntamente, há uma demanda por estradas e ferrovias. A facilitação de aquisição do automóvel e o direito à férias anuais gerou uma necessidade de uma malha rodoviária maior (Quadro 3). Houve ampliação nas despesas com saúde, expansão do acesso ao crédito que por conseguinte, se refletiu na aquisição da moradia própria e com melhor estrutura, na aquisição do automóvel e no aumento geral do custo de vida. O acesso a bens importados de outros países também cresceu exponencialmente, pois o livre-mercado e comércio permitiam importações e exportações em números gigantescos entre os países capitalistas.

---

38 *Taylorismo* é conjunto das teorias para aumento da produtividade do trabalho fabril, elaboradas pelo engenheiro norte-americano Frederick Winslow Taylor. Abrange um sistema de normas voltadas para o controle dos movimentos do homem e da máquina no processo de produção, incluindo propostas de pagamento pelo desempenho do operário (prêmios e remuneração extras conforme o número de peças produzidas). O sistema foi muito aplicado nas medidas de racionalização e controle do trabalho fabril, mas também criticado pelo movimento sindical, que o acusou de intensificar a exploração do trabalhador e de desumanizá-lo, pois procura automatizar seus movimentos. Fonte: SANDRONI, Paulo: Novíssimo Dicionário de Economia. São Paulo, Best Seller, 1999, pág 592

**Quadro 3: Número de automóveis em circulação nos principais países capitalistas, em milhões**

<b>Ano</b>	<b>Estados Unidos</b>	<b>Grã - Bretanha</b>	<b>França</b>	<b>Alemanha Ocidental</b>
1947	30,7	1,9	1,5	0,2
1957	55,7	4,2	4,0	2,4

Fonte: BEAUD, Michel: História do Capitalismo: de 1500 até nossos dias. São Paulo, Brasiliense, 2004. Pág 319

Mas um subproduto de todo esse desenvolvimento estava se tornando uma grave ameaça ao planeta: a poluição e deterioração ecológica. Passou despercebida durante a “Era de Ouro”, exceto por alguns entusiastas da ecologia. Para todo o resto, o “domínio da natureza” significava avanço para a humanidade. Especialmente nas nações socialistas, que ainda usavam em sua planta industrial tecnologias arcaicas baseadas em carvão e fumaça, esse período foi crítico. Mas no ocidente não era diferente, pois o lema dos grandes industriais era: “onde tem lama, tem grana” (HOBSBAWN, 2005, pág 257), ou seja, poluição significava dinheiro. Um dos setores que se aproveitou desse pensamento foi o de construtoras de estradas e incorporadores imobiliários. A necessidade de abrir e ampliar rodovias para escoamento da produção fez com que sua demanda de trabalho subisse radicalmente.

Um outro setor que se beneficiou do “boom”, foi o imobiliário. Baseado na especulação, trabalhavam da seguinte forma: esperavam o valor de um terreno subir estratosféricamente, assim, tendo acesso a empréstimos sob garantia de futura construção, e mais empréstimos ainda quando o valor continuasse a subir, tendo sido construída ou não. Dessa forma, o especulador enriquecia praticamente sem investimento e custo algum. Essa atividade rendeu a extinção de centenas de prédios históricos, tais como catedrais medievais européias. Da mesma forma, as redondezas dos centros urbanos foram cercadas por prédios e conjuntos habitacionais de preço mais baixo, comprometendo gravemente a urbanização e planejamento urbano futuros (HOBSBAWN, 2005, Op. Cit).

A tecnologia desenvolvida anos antes para a guerra, estava chegando para a população civil na forma de modernidade (Quadro 4). Radares, motores a jato e outras ideias de engenharia que inspiraram cientistas a criarem o transistor (1947), seguido de televisores, discos de vinil, fitas cassete e compact discs, rádios portáteis, relógios digitais, calculadoras de bolso, eletrodomésticos, equipamentos de fotografia e filmagem, e praticamente a base de toda a tecnologia digital que temos hoje, tal como computadores, internet, smartphones, aparelhos cirúrgicos de última geração e todos os aparelhos eletrônicos modernos (HOBSBAWN, 2005, pág 260 e 261).



**Quadro 4: Difusão dos bens duráveis nas famílias de operários e de empregados na França, em porcentagem das famílias que possuem os bens**

	<b>Operários</b>			<b>Empregados</b>		
	<i>1954</i>	<i>1965</i>	<i>1975</i>	<i>1954</i>	<i>1965</i>	<i>1975</i>
<b>Automóvel</b>	8,0	47,0	73,6	18,0	53,3	71,4
<b>Televisão</b>	0,8	45,9	86,8	1,3	46,6	84,9
<b>Refrigerador</b>	3,3	56,4	91,3	9,9	67,6	92,0
<b>Lavadora</b>	8,5	44,0	77,1	6,7	43,2	75,0

Fonte: BEAUD, Michel: História do Capitalismo: de 1500 até nossos dias. São Paulo, Brasiliense, 2004. Pág 319

Para todos esses avanços, outro campo que se expandiu de forma exponencial foi a pesquisa e desenvolvimento. Um país considerado desenvolvido deveria ter mais de mil cientistas e engenheiros para cada milhão de habitantes. Além disso, os custos com desenvolvimento e aperfeiçoamento de produtos passou a ter valor significativo nos custos de produção. Assim, sempre com a oferta de novos produtos, sejam inéditos ou melhorados, rapidamente os antigos tornavam-se obsoletos e eram descartados. E assim, o que antigamente era considerado item de luxo, agora fazia parte do dia-a-dia do cidadão trabalhador (HOBSBAWN, 2005, pág 264).

Todo esse trabalho necessitava de mão-de-obra. E quem ocupou essas vagas, foram os imigrantes e refugiados. Desde migração interna, campo-cidade, das regiões mais pobres para as mais ricas, milhares de pessoas promoveram um êxodo na Europa. Por exemplo, 400 mil camponeses toscanos deixaram suas terras em 20 anos. No leste Europeu, imigrantes internacionais que chegaram ao país como refugiados de guerra e expulsos de seus antigos territórios, ocuparam a demanda de vagas do crescente desenvolvimento industrial (HOBSBAWN, 2005, pág 271) (Quadro 5).

**Quadro 5: Número de Operários estimado na Europa Ocidental, em milhões de pessoas**

<i>Países</i>	<i>Década de 1950</i>	<i>Década de 1960</i>
<b>Europa (sem a URSS)</b>	54,2	69,5
<b>América do Norte</b>	23,1	24,2
<b>URSS</b>	30,6	32
<b>Total</b>	<b>150</b>	<b>187</b>

Fonte: BEAUD, Michel: História do Capitalismo: de 1500 até nossos dias. São Paulo, Brasiliense, 2004. Pág 363

Com toda essa expansão industrial, obviamente as fronteiras dos países começaram a ficar

apertadas para tamanha oferta de produtos. Em 1950, os países industrializados já tinham vendido entre si três quintos de toda a sua produção, e na década de 70, três quartos (HOBSBAWN, 2005, Op. Cit.). A economia tornara-se mais internacional, e menos transnacional.

## 5.2. Um mundo novo? De 1943 até 1968

Sem dúvida alguma, as consequências trazidas pela Segunda Guerra Mundial foram inéditas para o mundo. O fato de ter envolvido todas as áreas sociais, naturais e de produção, deixou marcas permanentes em quem conseguiu sobreviver. Enormes migrações humanas, desde refugiados até prisioneiros de guerra, alterou drasticamente a conformação social européia. Com isso, vieram choques culturais, racismo e segregação. Os primeiros impactos foram uma queda nos nascimentos, seguidos de desabastecimento de mão de obra e subprodução, e como consequência, inflação.

A guerra fez também que os seus países participantes se endividassem. A necessidade de repor e manter sua capacidade bélica, fez com que várias nações apelassem a empréstimos internacionais, que ao fim da guerra, não poderiam ser pagos. A quebra do status de potência colonial, aliada à novas ideologias de liberdade e democracia, e a inserção dos EUA nas economias internas, fez com que os até então “grandes impérios” entrassem em decadência.

Ficou também o trauma humano às barbáries cometidas. Os assassinatos em massa de diferentes etnias, as crianças órfãs, as cidades destruídas eram uma visão da brutalidade a qual os seres humanos eram capazes. E então, como punir e remediar tais condições tão delicadas nas vidas de quem conseguiu ao menos sobreviver ao holocausto generalizado que foi a guerra?

Os EUA pensavam no pós-guerra de uma forma mais racional para com a realidade econômica: era necessário reordenar os mercados internacionais, para que a transição entre a guerra e a paz não trouxesse consigo a quebra geral dos países destruídos. Além disso, deveria se adequar a alta produtividade americana durante os anos 1939-1945 para os mercados falidos europeus. Evitar a falência generalizada era uma necessidade dos EUA.

Desta forma, os EUA enviaram cotas de alimentos a fundo perdido para os europeus assim que acabaram os conflitos. Era uma vantagem dupla: mantinham o preço de mercado para seus produtores internos, e ainda conseguiam melhorar a sua imagem externa. Mas o auxílio aos miseráveis tinha um preço. As nações européias deveriam seguir a cartilha americana sobre flexibilização dos seus mercados e da política econômica de acumulação (REIS FILHO et al, 2005, pág 231).

Assim, com o fim do padrão ouro, o estabelecimento do dólar como moeda internacional, foi um caminho fácil para os EUA acumularem mais riqueza oriunda da desgraça. Durante a guerra, venderam suprimentos e mercadorias por ouro altamente inflacionado, conseguindo no final do ano de 1945 ter 80% da reserva mundial desse metal (REIS FILHO et al, 2005, pág 232). Assim, o endividamento europeu para com os EUA superou todas as expectativas. Quando o ouro dessas nações acabou, e por consequência, a forma de obter dólares para a reconstrução também,

começaram os empréstimos americanos diretamente em moeda, a juros baixos. Um dos motivos, foi a tentativa de suprimir a força esquerdista na Europa, que já tomava forma na França, Itália e Grécia. Conjuntamente, se abriam todos os mercados internacionais, que permitiria um livre fluxo de matérias-primas e mercadorias entre os continentes. Assim, os EUA teriam para onde escoar sua produção, e poderia adquirir livremente produtos os quais não estavam disponíveis em seu país.

Apesar da tentativa americana de penetrar na Europa Ocidental, não obtiveram sucesso. Não agradou aos comunistas as exigências impostas para o recebimento de recursos, os quais se negavam a deixar sua economia nas mãos dos EUA, ameaçando a soberania nacional.

Assim, com a receptividade dos países europeus para com as exigências americanas, os EUA conseguiram manter nos anos subsequentes à guerra os mesmos índices de produção que tiveram durante os conflitos. E a Europa, apesar de conseguir se reerguer relativamente rápido, ao mesmo tempo, perdeu sua hegemonia global para os EUA.

Mas esse “boom” não foi devido somente à enorme injeção de dinheiro. A reorganização do trabalho, a adesão à métodos de produção focados em eficiência, como o fordismo, até então exclusivamente americano, que dispunha os trabalhadores ao longo da linha de montagem, garantindo uma produção contínua e sem desperdícios de tempo e energia. Assim a produtividade cresceu exponencialmente. Conjuntamente a isso, havia a visão de que se o trabalhador fosse bem remunerado, ele se tornaria também um consumidor, aumentando as demandas de mercado, e assim, gerando ainda mais produção. Com isso, havia o alívio da pressão social, e dava a impressão de melhoria material real e das condições econômicas do trabalhadores, ainda permitindo que as economias internas se auto-sustentassem. Essa metodologia keynesiana já havia sido planejada em 1936, baseada no Estado como regulador da economia e relações sociais, permitindo que haja um estímulo da demanda e aumento da produção, renda e emprego, tendo por objetivo um capitalismo eficiente (REIS FILHO et al, 2005, pág 236).

Com o aumento da qualidade de vida, a consequência foi o “baby boom”<sup>39</sup>, estimulado pelo próprio governo (tendência que iria cair na década de 60 por alguns fatores, tais como medo de superpopulação, métodos contraceptivos, aborto e nova visão de bem-estar). Devido à guerra, o tamanho da família encolheu, e após ela, com todas as novas possibilidades de consumo e salários, houve um aumento significativo dos nascimentos na Europa.

No setor agrícola, houve uma nova revolução. Com os novos implementos para o campo, a

---

39 Expressão de origem inglesa que pode ser traduzida como explosão de nascimento. Após a Segunda Guerra Mundial, foi usado para definir a situação demográfica da época, um período (entre 1946 e 1964) caracterizado por um aumento notável na taxa de natalidade. Os membros dessa geração são conhecidos como baby boomers. Não deve ser confundido com o conceito de explosão populacional, que se refere a uma fase da transição demográfica caracterizada por uma diminuição da mortalidade. O conceito de crescimento do nascimento geralmente se aplica de forma genérica à situação que ocorre historicamente após um período de guerra prolongado que mobiliza os jovens do sexo masculino nas frentes de batalha, separando-o de seus parceiros que estão na parte traseira. Fonte: <http://vocabulariogeografico.blogspot.com.br/2012/02/baby-boom.html> [acesso em 18/10/2017]

produção das pequenas e grandes propriedades alavancou. Ainda houve avanço nas tecnologias de genética e química, que espantaram o fantasma da fome em solo europeu, bem como a sua dependência de mercados externos.

E os avanços oriundos da guerra foram enormes. A tecnologia deu um salto em todas as áreas. Desde as matérias-primas, energia, equipamentos até sistemas de montagem. Porém, os avanços latentes e constantes provocavam uma obsolescência rápida em quase tudo também. Com a modernização das plantas industriais, com os avanços da automação e robótica, diminuiu as necessidades por mão de obra humana. Ao mesmo tempo, a tecnologia nuclear dava saltos gigantescos, não somente em relação às bombas atômicas, mas também, na geração de energia através de usinas nucleares. A corrida espacial ia bem. Nos setores voltados à área médica, a biologia e a química alavancavam a indústria farmacêutica, bem como os medicamentos sintéticos, os transplantes de órgãos, as transfusões de sangue e vários outros avanços diretos (REIS FILHO et al, 2005, pág 238).

Porém, toda essa evolução concentrada aumentou a demanda das matrizes energéticas, gerando a necessidade de desenvolvimento de novas opções de produção de energia. Carvão, gás, petróleo, eletricidade e energia hidráulica eram essenciais para manter a vida na “sociedade moderna” e abastecer os automóveis e eletrodomésticos, os quais praticamente todo europeu e americano tinha em casa (REIS FILHO et al, 2005, Op. Cit).

Essa reestruturação toda trouxe grandes mudanças sociais em vários setores. No campo, por exemplo, o campesinato entrou em extinção devido ao estímulo à urbanização da sociedade. Ao mesmo tempo, com a evolução das tecnologias agrárias na área de maquinário, na biotecnologia e na criação seletiva, houve o fechamento de muitas vagas na agricultura. Com esse êxodo rural, aumentou a poluição nas cidades, falta de infraestrutura urbana e explosão demográfica (HOBSBAWM, 2005, pág 284 e 285).

No setor industrial, os avanços acabaram por transladar as fábricas de seus antigos lugares para outros mais periféricos, onde as leis trabalhistas eram mais brandas, os salários mais baixos e o número de vagas menor, devido à automatização. Com isso, locais que outrora foram grandes parques industriais, tornaram-se abandonados. Também como consequência, os cidadãos que contavam com pleno-emprego e acesso aos bens de massa, acabavam por acomodar-se. Os sindicatos perderam força (HOBSBAWM, 2005, pág 297).

Ao mesmo tempo, a força da mulher na sociedade ascendeu. Assumindo seu protagonismo, após serem mantenedoras do pilar social durante a guerra, sendo seu trabalho vital para que as engrenagens do setor industrial e da estrutura familiar, agora desfrutavam de livre acesso à educação e ao trabalho. Porém as desigualdades de salários em relação aos homens ainda permeava

a realidade. Porém sua independência deu um salto enorme, alavancado pelos anticoncepcionais (HOBSBAWM, 2005, pág 304; REIS FILHO et al, 2005, pág 244).

E não foi só as mulheres que tiveram um amplo acesso à educação. Com os avanços tecnológicos, se fazia essencial uma mão-de-obra alfabetizada e qualificada. A educação passou a ser fundamental para a ascensão social. Com isso, criou-se uma geração mais crítica, politizada e exigente. Ao mesmo tempo, o Holocausto diminuiu a fé religiosa das pessoas, que passaram a questionar dogmas perante toda a destruição material e humana que a guerra lhes havia imposto. Com isso, as reflexões sobre o futuro pós guerra aumentaram. A ética sobre o uso da ciência e da tecnologia foi amplamente discutida, afinal, os anos de barbárie ainda estavam na memória dos que haviam sobrevivido (REIS FILHO et al, 2005, pág 245).

Com o avanço científico, a arte em geral sofreu profundas mudanças. Com um maior acesso à educação, a cultura tomou novas formas, criando uma explosão de novas formas de expressão. Novos materiais, tais como os plásticos, deram uma nova forma e visão às artes. Na pintura, o surrealismo e o abstracionismo marcaram época. A *pop art*<sup>40</sup> também nasceu e cresceu, transformando o cotidiano em objeto de desejo de consumo (HOBSBAWM, 2005, pág 316).

Ao mesmo tempo, a evolução da arquitetura permitiu suprir as demandas habitacionais. A construção de prédios gigantescos, aeroportos, estádios e outros tornou-se possível de modo mais fácil pela utilização de novos materiais, tais como o vidro e alumínio, dando uma nova cara às cidades (REIS FILHO et al, 2005, pág 247).

A eletrônica entrou na música, com novos sons, instrumentos e efeitos até então nunca imaginados. A popularização das mídias da época (discos de vinil) levou a música às massas. Rádios, televisores e toca-discos disseminaram a cultura musical de forma nunca vista, em vários estilos, desde Elvis Presley, Jimi Hendrix até Beatles (REIS FILHO et al, 2005, Op. Cit.).

Outra grande arte que teve um crescimento inimaginável foi o cinema. A modernização para o sistema colorido, os sons, a capacidade maior de passar mensagens e histórias às massas influenciou sobremaneira a indústria cinematográfica. A busca por resultados imediatos e quantidade de produções acabou por comprometer a qualidade da indústria. Apesar de ser voltado quase que exclusivamente para o entretenimento, houve várias obras com conteúdo reflexivo. Hollywood teve papel fundamental na diversificação e disseminação do cinema, sendo o principal polo mundial de produções (REIS FILHO et al, 2005, Op. Cit.).

---

40 O termo *Pop Art* (abreviação das palavras em inglês Popular Art) foi utilizado pela primeira vez em 1954, pelo crítico inglês Lawrence Alloway, para denominar a arte popular que estava sendo criada em publicidade, no desenho industrial, nos cartazes e nas revistas ilustradas. Representavam, assim, os componentes mais ostensivos da cultura popular, de poderosa influência na vida cotidiana na segunda metade do século XX. Era a volta a uma arte figurativa, em oposição ao expressionismo abstrato que dominava a cena estética desde o final da Segunda Guerra Mundial. Sua iconografia era a da televisão, da fotografia, dos quadrinhos, do cinema e da publicidade. Fonte: <https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-seculo-20/pop-art/> [acesso em 18/10/2017]

Assim, nesse cenário de renascimento pós-guerra, com o capitalismo a todo vapor, começaram a surgir projetos social-democratas. Apesar de efetivamente não mudarem a realidade dos problemas sociais que ainda havia, e apesar de todo o desenvolvimento, elas não tinham real efeito. Apesar de tocar em pontos como moradia, emprego e previdência, não eram tomadas medidas reais, porém, as tensões sociais eram relativamente abrandadas. Desta forma, gerenciava-se a economia capitalista, combatendo seus efeitos sociais negativos. Como disse Reis Filho et al, (2005): “Não libertava o homem da exploração, mas tornava-o consumidor do sistema” (pág 252).

## 6. Conclusão

Através do presente trabalho, analisamos os fatos relevantes que ocorreram entre as potências mundiais quando o fim da guerra ainda era uma ideia distante, passando por seus desdobramentos não somente entre os governos e países, mas também na sociedade. Assim, traçamos uma linha espaço-tempo ordenando os acontecimentos de forma lógica, a fim de que suas causas e efeitos sejam compreendidas.

Assim, podemos entender que ainda durante a guerra, os líderes mundiais já planejavam como dividir e comandar o mundo pós-guerra. Através de conferências, tratados, planos econômicos, acordos “nos bastidores” e até mesmo afrontas diretas, novos rumos foram dados a países que estavam praticamente arruinados, tanto estruturalmente quanto socialmente.

Assim, começamos com as Conferências de Teerã, Yalta e Potsdam, demonstrando que apesar de os três grandes líderes planejarem as novas fronteiras quando a guerra terminasse, o que acabou determinando as novas divisões geopolíticas foram as áreas que cada exército havia dominado ou conquistado durante as batalhas. E com essas medidas, a bipolaridade de ideologias se concretizou: de um lado os soviéticos, preocupados com as reparações de guerra, com a manutenção e expansão de seu regime político e fortalecimento de seu exército. Do outro lado, os EUA interessados em reconstruir a Europa para não somente ajudar a custear os prejuízos da guerra, mas também, para que pudessem voltar a ser auto-suficientes como nação e que futuramente, pudessem se tornar aliados na política externa.

Adiante no trabalho, abordamos três momentos severamente importantes, que foram diretamente capitaneados pelos EUA. O primeiro foi a Conferência de Bretton Woods, onde o dólar americano passou a ser a moeda de referência cambial para todas as outras, assim, atrelando praticamente toda a economia mundial à sua. Com a sua segunda manobra, o Plano Marshall, os americanos conseguiram se tornar credores de praticamente toda a Europa. Assim, foram os responsáveis por injetar dinheiro em economias falidas pela guerra, permitindo que se reerguessem, e ao mesmo tempo, passassem não somente a dever dinheiro para os EUA, mas também consumissem seus produtos e fornecessem matéria-prima. Essa posição privilegiada permitiu aos EUA se tornarem líderes em organismos internacionais, como por exemplo, a ONU. Um outro momento decisivo não somente para a economia, mas para a paz mundial foi a Crise dos Mísseis, onde o perigo real e imediato de uma nova guerra – dessa vez basicamente nuclear – se fez presente. A proximidade de Cuba com os EUA acabou por ser o cerne de uma tensão inesperada entre oriente e ocidente, onde a URSS tinha Cuba como aliada e com interesses em atacar os americanos. Porém, uma troca de cartas entre os líderes dos EUA e URSS acabou por encerrar as intenções de conflito. Mas a Guerra Fria ainda continuava.

A seguir, estudamos a situação da URSS durante o período. Apesar dos grandes planos de



Joseph Stalin e de seu sucessor Nikita Krushev de reestruturação econômica e social não somente da União Soviética, mas também dos países os quais o regime acabou por dominar, a realidade mostra que houveram grandes dificuldades em seguir a ideias de crescimento, ainda mais isolados economicamente do capitalismo. Tiveram avanços reais na tecnologia, na corrida espacial e no desenvolvimento bélico, mas também, grandes problemas com a produção agrícola. O regime socialista acabava por sufocar as ideias, liberdade e necessidades individuais do povo, culminando em revoltas e levantes que eram severamente combatidos pelo exército. Nesse ritmo, mantiveram-se de certa forma isolados do ocidente até o fim da Guerra Fria.

Então, com a intervenção americana nas nações, a Europa se reergueu, alcançando índices econômicos nunca antes vistos. Acesso às novas tecnologias, materiais e ciência remodelaram o vida do europeu, tanto na sua rotina em casa, com televisores, geladeiras, carros e outros bens que pertencem até hoje à nossa vida, mas também a grandes mudanças na forma que a sociedade se expressa, cria e se reproduz. Novas formas de arte, música, linguagem e expressão surgiram. Os EUA, apesar de já contarem com os avanços tecnológicos em suas residências, tiveram oportunidade, como nação, de não somente dar suporte econômico à Europa para a sua reconstrução, mas também de se tornar o maior credor do mundo. Conseguiu tornar dependentes de si várias nações, além disso, conseguiu estabelecer a hegemonia da sua moeda nacional, o dólar. Assim, tomaram o lugar dos grandes impérios europeus, transformando-se no organismo que controla o capitalismo no planeta. Mas nem tudo foi um “mar de rosas”. Após as duas décadas de uma explosão de desenvolvimento, a sombra da crise escureceu os horizontes ocidentais.

Mas ainda assim, todas as mudanças e evoluções continuaram influenciando a sociedade e seu comportamento, e a tecnologia continuou prosperando e trazendo para os lares o que há de mais moderno na indústria de bens de consumo.

A URSS passou por décadas de isolacionismo, onde o comunismo tentou tornar-se auto-sustentável nos territórios o qual dominava. Após ficar atrás do mundo ocidental em muitos aspectos, somente em 1989 cai definitivamente a “cortina de ferro”, pondo fim à divisão binária do mundo.

Dessa forma, o presente trabalho traz um apanhado de inúmeras referências distintas entre si, mas que reunidas conseguem mostrar com certa clareza todo o caminho que EUA, Europa e URSS percorreram nas duas décadas seguintes à hecatombe da Segunda Guerra. Dessa forma, compreendemos como os países dizimados conseguiram se reerguer tão rapidamente apesar das suas condições miseráveis, quando finalmente a paz chegou. Conseguimos também entender de onde surgiram tantas “modernidades” que estão presentes na nossa rotina até hoje: televisores, geladeiras, micro-ondas, celulares e toda a gama tecnológica que temos. Todas foram criadas primeiramente para um propósito nada confortável: a guerra.

A biografia utilizada foi de grande importância para a execução e desenvolvimento da

pesquisa. Autores renomados e reconhecidos são de suma importância para um trabalho com fontes confiáveis e resultados positivos no sentido da completa exposição do tema e seu entendimento, ainda mais quando trabalhamos com pesquisa histórica.

Por fim, esperamos ter feito da melhor forma possível a construção e desenvolvimento do presente TCC, e que tenhamos atingido o objetivo principal, que é dar um corpo às narrativas de vários autores, com pontos de vista e temáticas tão distantes entre si, mas que culminam em um mesmo ponto: a guerra acabou, mas seus efeitos são presentes até hoje.

## 7. Referências

### *Livros e artigos*

- ARRIGHI, GIOVANNI: O quarto ciclo sistêmico de acumulação (norte americano). In: \_\_\_\_\_. **O longo Século XX**. São Paulo, Unesp, 1996. Pág 277 a 309
- AVILA, CARLOS FEDERICO DOMÍNGUEZ: **A queda do muro de Berlim: um estudo com fontes brasileiras**. Revista de Sociologia E Política, V. 18, Nº 37, outubro de 2010. Pág 93 a 110
- AZAMBUJA, DARCY: Regimes Políticos, A era política. In \_\_\_\_\_. **Teoria Geral do Estado**. São Paulo, Globo, 2008. Pág 274 a 276
- BEAUD, MICHEL: O grande *boom* do capitalismo (1945 – 1978). In: \_\_\_\_\_. **História do Capitalismo: de 1500 até nossos dias**. São Paulo, Brasiliense, 2004. Pag 301 a 321
- BRAITHWAITE, RODRIC: **Moscou – 1941: uma cidade e seu povo na guerra**. Rio de Janeiro, Record, 2009. Pág 396 a 397
- DOMINGOS, CHARLES SIDARTA MACHADO: **50 anos da Crise dos Mísseis: horror nuclear em tempos presentes**. Historiae, Rio Grande/RS, nº 02, 2013. Pág 79 a 90, disponível em <https://www.seer.furg.br/hist/article/view/3666/2514> [acesso em 02/10/2017]
- GEORGE, PIERRE: A procura de novas relações internacionais. In: \_\_\_\_\_. **Panorama do Mundo Atual**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1968. pág 233 a 243
- HOBSBAWM, ERIC: A Era de Ouro: Guerra Fria; A Era de Ouro: Os Anos Dourados; A Era de Ouro: “Socialismo Real”. In: \_\_\_\_\_. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 -1991**, São Paulo, Companhia das Letras, 2005. Pág 223 a 227, pág 253 a 276, pág 363 a 390
- LACOSTE, YVES: A noção de terceiro mundo. In: \_\_\_\_\_. **Geografia do Subdesenvolvimento**. São Paulo, DIFEL, 1975. Pág 15 a 28
- LÊONTIEV, A.: **O Plano Marshall à Luz dos Fatos**. Revista Problemas, nº 21, outubro de 1949. Disponível em: [https://www.marxists.org/portugues/tematica/rev\\_prob/21/index.htm](https://www.marxists.org/portugues/tematica/rev_prob/21/index.htm) [acesso em: 20/09/2017]
- PADRÓS, ENRIQUE SERRA: Capitalismo, prosperidade e Estado de bem-estar social. In: REIS FILHO, DANIEL AARÃO; FERREIRA, JORGE; ZENHA, CELESTE: **O Século XX – 2, O Tempo das Crises**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005. Pag 229 a 252
- RAMÃO, FELIPE DE SOUZA: **Geografia de Pierre George e a questão ambiental: Considerações Iniciais**. Revista Continentes (UFRRJ), ano 2, n.3, 2013. Pág 2
- REIS FILHO, DANIEL AARÃO: O mundo socialista: expansão e apogeu. In: REIS FILHO, DANIEL AARÃO; FERREIRA, JORGE; ZENHA, CELESTE: **O Século XX – 3, O Tempo das Dúvidas**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005. Pag 11 a 25
- SANDRONI, PAULO: **Novíssimo Dicionário de Economia**. São Paulo, Best Seller, 1999.
- SCHWARTZ, GILSON: Conferência de Bretton Woods (1944). In: MAGNOLI, DEMETRIO (org): **História da Paz**. São Paulo, Contexto, 2012. Pág 242 a 267
- TOTA, PEDRO: Segunda Guerra Mundial, O fim da Guerra na Europa. In: MAGNOLI, DEMETRIO (org): **História das Guerras**, São Paulo, Contexto, 2006. Pág 378 a 389
- WAACK, WILLIAM: Conferências de Yalta e Potsdam (1945). In: MAGNOLI, DEMETRIO (org): **História da Paz**. São Paulo, Contexto, 2012. Pág 269 a 295

WERNER, ALICE HELGA; COMBAT, FLÁVIO ALVES: **História “viva” e história “objetivada”**: George F. Kennan e o Plano Marshall, *História Social*, Campinas/SP, Nº 13, 2007. Pág 173 a 191

### *Sites*

**Exército Vermelho Soviético** <https://seuhistory.com/hoje-na-historia/nasce-o-exercito-vermelho-sovietico> [acesso em 04/11/2017]

**1947: Divulgada a Doutrina Truman**, disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/1947-divulgada-a-doutrina-truman/a-305913> [acesso em 13/10/2017]

**1947: É anunciado o Plano Marshall**, disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/1947-%C3%A9-anunciado-o-plano-marshall/a-568633> [acesso em 20/09/2017]

**About: V-2**, disponível em: [http://dbpedia.org/page/V-2\\_rocket](http://dbpedia.org/page/V-2_rocket) [acesso em 12/10/2017]

**Biografia de Charles de Gaulle**, disponível em: [https://www.ebiografia.com/charles\\_gaulle/](https://www.ebiografia.com/charles_gaulle/) [acesso em 13/10/2017]

**Biografia de Che Guevara**, disponível em: [https://www.ebiografia.com/che\\_guevara/](https://www.ebiografia.com/che_guevara/) [acesso em 13/10/2017]

**Biografia de Stalin**, disponível em: <https://www.ebiografia.com/stalin/> acesso em 19/10/2017]

**Cinco décadas de tensões Cuba-EUA sobreviveram até à Guerra Fria**, disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/cinco-d%C3%A9-cadas-de-tens%C3%B5es-cuba-eua-sobreviveram-at%C3%A9-%C3%A0-guerra-fria/a-18138134> [acesso em 13/10/2017]

**Cold War**, disponível em: <https://www.britannica.com/event/Cold-War> [acesso em 12/10/2017]

**COMECON**, disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$comecon](https://www.infopedia.pt/$comecon) [acesso em 20/10/2017]

**Conceito de taylorismo**, disponível em: [https://conceito.de/\\_taylorismo](https://conceito.de/_taylorismo) [acesso em 18/10/2017]

**Desmistificando o Saber Geográfico Com Yves Lacoste**, disponível em: <http://parquedaciencia.blogspot.com.br/2015/11/desmistificando-o-saber-geografico-com.html> [acesso em 17/10/2017]

**Doutrina Truman**, disponível em: [https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/d/doutrina\\_truman.htm](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/d/doutrina_truman.htm) [acesso em 20/09/2017]

**Fidel Castro, el 1 de enero de 1959: Esta vez sí que es la Revolución**, disponível em: <http://www.cubadebate.cu/opinion/2014/01/01/fidel-castro-el-1-de-enero-de-1959-esta-vez-si-que-es-la-revolucion/#.WeFXeTtrzDc> [acesso em 13/10/2017]

**Fordismo e toyotismo: Suas principais características, com uma análise das precárias relações de trabalho**, disponível em: <https://matheusramosribeiro.jusbrasil.com.br/artigos/202589865/fordismo-e-toyotismo-suas-principais-caracteristicas-com-uma-analise-das-precarias-relacoes-de-trabalho> [acesso em 18/10/2017]

**Francisco Franco**, disponível em: <https://seuhistory.com/hoje-na-historia/nasce-o-ditador-espanhol-francisco-franco> [acesso em 13/01/1983]

**Fulgênio Batista e o golpe em Cuba**, disponível em: <http://redes.moderna.com.br/2012/04/05/fulgenio-batista-e-o-golpe-em-cuba/> [acesso em 13/10/2017]

**George C. Marshall – Biographical**, disponível em:

[https://www.nobelprize.org/nobel\\_prizes/peace/laureates/1953/marshall-bio.html](https://www.nobelprize.org/nobel_prizes/peace/laureates/1953/marshall-bio.html) [acesso em: 13/01/1983]

**Há 80 anos, o mundo via Hitler tornar-se o Führer**, disponível em:

<https://www.sul21.com.br/jornal/ha-80-anos-o-mundo-via-hitler-tornar-se-o-fuehrer/> [acesso em 12/10/2017]

**Harry L. Hopkins - United States government official**, disponível em:

<https://www.britannica.com/biography/Harry-L-Hopkins> [acesso em 13/10/2017]

**History of the Marshall Plan**, disponível em: <http://marshallfoundation.org/marshall/the-marshall-plan/history-marshall-plan/> [acesso em 29/09/2017]

**Início da Guerra Sino Japonesa**, disponível em: <https://seuhistory.com/hoje-na-historia/inicio-da-guerra-russo-japonesa> [acesso em 13/10/2017]

**Introduction: Stalin's Gulag**, disponível em: <http://gulaghistory.org/nps/onlineexhibit/stalin/> [acesso em 18/10/2017]

**Mikhail Gorbachev**, disponível em: <https://educacao.uol.com.br/biografias/mikhail-gorbachev.htm>, acesso em 18/10/2017]

**Morre Joseph Tito**, disponível em: <https://seuhistory.com/hoje-na-historia/morre-josip-broz-tito> [acesso em 18/10/2017]

**NKVD**, disponível em: <http://www.encyclopediaofukraine.com/display.asp?linkpath=pages%5C%5CK%5CNKVD.htm> [acesso em 13/10/2017]

**Pop Art**, disponível em: <https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-seculo-20/pop-art/> [acesso em 18/10/2017]

**Significado de Czarismo**, disponível em: <https://www.significados.com.br/czarismo/> [acesso em 19/10/2017]

**Tem inicio revolta de varsovia na Polonia**, disponível em: <https://seuhistory.com/hoje-na-historia/tem-inicio-revolta-de-varsovia-na-polonia> [acesso em 13/10/2017]

**Teoria Dos Mundos**, disponível em: <http://geofundamental.blogspot.com.br/2010/03/teoria-dos-mundos.html> [acesso em 17/10/2017]

**The numbers do not lie - World War 2 was one of the largest conflicts in recorded history with no corner of the planet left untouched**, disponível em:

<https://www.secondworldwarhistory.com/world-war-2-statistics.asp> [acesso em 12/10/2017]

**Vocabulário de términos geográficos**, disponível em:

<http://vocabulariogeografico.blogspot.com.br/2012/02/baby-boom.html> [acesso em 18/10/2017]

### *Fotografias*

**A tomada de Berlim pelos soviéticos**, disponível em: <http://photo-muse.blogspot.com.br/2008/05/iconic-red-army-reichstag-photo-faked.html> [Acesso em 12/10/2017]

**As antigas e novas fronteiras européias, e as zonas de influência em 1945**, disponível em: [http://www.secondeguerre.net/hiseto/po/hp\\_accordsyalta.html](http://www.secondeguerre.net/hiseto/po/hp_accordsyalta.html) [acesso em: 25/09/2017]

**As fronteiras do Socialismo em 1945**, disponível em: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/67/07/cc/6707cc19e1738a1cce3ac508265aaf15.png>, acesso em:

18/10/2017]

**Churchill, Truman e Stalin reunidos pela última vez**, disponível em <http://www.dw.com/pt-br/h%C3%A1-70-anos-confer%C3%Aancia-de-potsdam-selava-destino-da-alemanha/a-18590741> [acesso em: 25/09/2017]

**Conferência de Bretton Woods: 44 nações reunidas**, disponível em <http://www.dw.com/en/how-bretton-woods-reshaped-the-world/a-17747360> [acesso em: 25/09/2017]

**Divisão territorial da Alemanha pós-guerra**, disponível em: <http://www.theworldorbust.com/wp-content/uploads/2012/07/Map-of-East-and-West-Germany-with-a-seprate-map-for-Berlin.jpg> [acesso em 12/10/2017]

**Linha Curzon e os territórios anexados pela Polônia em 1945**, disponível em: <http://catanesnoticias.blogspot.com.br/2013/09/linha-curzon-linha-curzon-uma-linha.html> acesso em 18/10/2017]

**Mapa da situação da Segunda Guerra na Europa em 1945**, disponível em: <https://www.thinking.com/scene/613541577364602880> [Acesso em 12/10/2017]

**Os Três Grandes no Irã, em 1943**

<https://minionu15anosnuoi1945.wordpress.com/2014/08/30/conferencia-de-teera-1943-parte-1/> [acesso em: 25/09/2017]

**Presidente Harry S. Truman e o Secretário de Estado George C. Marshall, em 1947**, disponível em: <https://www.wisconsinhistory.org/Records/Image/IM8277> [acesso em: 02/10/2017]

**Roosevelt, Churchill e Stalin na Conferência de Yalta**, disponível em <http://opinioenoticia.com.br/internacional/lideres-dos-paises-aliados-se-encontram-na-conferencia-de-yalta/> [acesso em: 25/09/2017]